


# RELATÓRIO DE ESTÁGIO

João Caetano  
Faculdade de Arquitectura de Lisboa  
6º ano da licenciatura em Arquitectura

1997-1998



centro  
de  
documentação

RE (Arq)  
32

FACULDADE DE ARQUITECTURA  
BIBLIOTECA



FACULDADE DE ARQUITECTURA  
05/98  
(Centro de Documentação)



LUIZ CUNHA • DOMINGOS ÁVILA GOMES  
ARQUITECTOS ASSOCIADOS LDA

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA  
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA  
A/c do Exmo. Júri de Estágio

Lisboa, 20 de Agosto de 1998.

Ref.: PARECER

João Manuel Marques Caetano, arquitecto estagiário, desenvolveu, desde 26/JAN/98 até à presente data, o seu trabalho de estágio no gabinete de arquitectura Luiz Cunha Domingos Ávila Gomes, Arquitectos Associados Lda, realizando 912 horas de trabalho.

Durante este período realizou trabalhos, na área da arquitectura, relacionados com a concepção, pormenorização, medições e coordenação de projectos para concurso para além de outros de várias naturezas, alguns descritos no Relatório de Estágio, tendo evidenciado um nível de qualidade e conhecimento superior à média, bem como um alto grau de responsabilidade e profissionalismo.

Aquiriu ainda bom conhecimento do programa Archicad.

Listam-se os principais trabalhos em que colaborou:

- Projecto de Arquitectura dos Blocos C8 e B26 da Quinta de D. Francisco em Montemor-o-Novo;
- Projecto do Lar Diurno de 3ª idade em Stª Cristina do Couto - Stª Tirso;
- Projecto de Arquitectura ao Loteamento aprovado em S. Bernardino - Peniche;
- Projecto de Arquitectura em S. Bernardino - Peniche;
- Projecto do Centro de Dia para Paróquia de Nevogilde - Porto;
- Projecto do Lar para Sacerdotes Idosos/Faço Episcopal de Braga;
- Projecto de Residência de Estudantes /Praça José Régio - Vila do Conde;
- Projecto Global do Hotel Ibis - Guimarães.

O presente parecer vota-se o gabinete.

LUIZ CUNHA • DOMINGOS ÁVILA GOMES  
ARQUITECTOS ASSOCIADOS, LDA



FACULDADE DE ARQUITECTURA  
BIBLIOTECA



0990011999

*Ávila G*

FACULDADE DE ARQUITECTURA  
05A39  
(Centro de Documentação)





FACULDADE DE ARQUITECTURA DA  
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA  
A/c do Exmo. Júri de Estágio

Lisboa, 20 de Agosto de 1998.

Ref.: PARECER

**João Manuel Marques Cactano**, arquitecto estagiário, desenvolveu, desde 26JAN98 até à presente data, o seu trabalho de estágio no gabinete de arquitectura Luiz Cunha Domingos Ávila Gomes, Arquitectos Associados Lda. realizando 912 horas de trabalho.

Durante este período realizou trabalhos, na área da arquitectura, relacionados com a concepção, pormenorização, medições e coordenação de projectos para concurso para além de outros de várias naturezas, alguns descritos no Relatório de Estágio, tendo evidenciado um nível de qualidade e conhecimento superior à média, bem como um alto grau de responsabilidade e profissionalismo.

Aquiriu ainda bom conhecimento do programa Archicad.

Listam-se os principais trabalhos em que colaborou:

- Projecto de Arquitectura dos Blocos C8 e B26 da Quinta de D. Francisco em Montemor-o-Novo;
- Projecto do Lar Diurno de 3ª Idade em Stª Cristina do Couto - Stº Tirso;
- Projecto de Arquitectura ao Loteamento aprovado em S. Bernardino - Peniche;
- Projecto de Arquitectura em S. Bernardino - Peniche
- Projecto do Centro de Dia para Paróquia de Nevogilde - Porto;
- Projecto do Lar para Sacerdotes Idosos/Paço Episcopal de Braga;
- Projecto de Residência de Estudantes /Praça José Régio - Vila do Conde;
- Projecto Global do Hotel Ibis - Guimarães.

O presente parecer vincula o gabinete.

LUIZ CUNHA • DOMINGOS ÁVILA GOMES  
ARQUITECTOS ASSOCIADOS, LDA.

ass.:

*Luiz Cunha* *Domingos Ávila Gomes*



## INTRODUÇÃO

Terminado o meu tempo de estágio, chega agora o momento de elaborar este relatório, no qual pretendo apresentar o trabalho por mim efectuado ao longo dos cinco meses que medeiam entre 21 de Janeiro e 21 de Agosto de 1998, no atelier dos architectos Luiz Cunha e Domingos Ávila Gomes.

Para além da descrição do trabalho efectuado, esta é também uma oportunidade de reflexão e avaliação do mesmo. Para isso devo começar por explicitar os objectivos à partida estabelecidos. A decisão do estágio a efectuar prendia-se para mim com a integração num atelier de arquitectura, onde pudesse contactar, da forma mais completa que fosse possível, com as diversas componentes do trabalho realizado e assim, com os diversos aspectos que o exercício pleno da profissão pode tomar.

Essa abrangência do olhar sobre a actividade do architecto está, para mim, em complementaridade com a nossa formação académica anterior, necessariamente parcial, em que o maior número de horas de aulas é dedicado às disciplinas em torno da concepção do projecto e da criatividade, e em que aspectos mais mecânicos da elaboração de um projecto de arquitectura são deixados em segundo plano ou não são abordados. O estágio foi para mim a oportunidade de colmatar esses desequilíbrios, com o objectivo de melhor me preparar para a realidade da prática da profissão.

Por outro lado, foi também a oportunidade de verificar até que ponto a formação obtida era suficiente ou não para o exercício real da profissão, visto esta me suscitar por vezes dúvidas, particularmente quanto ao domínio das técnicas de construção.

A escolha de um estágio com estas características torna difícil a realização de um plano de trabalho, pois o meu trabalho passa a estar dependente, a cada momento, das necessidades do gabinete de arquitectura escolhido. Assim, esse plano consistia à partida na vontade de participação em diversos projectos e diversos tipos de projectos, realizando tarefas também elas tão variadas quanto possível, por forma a abarcar da melhor maneira a globalidade do trabalho de um atelier.

O atelier escolhido foi o dos architectos Luiz Cunha e Domingos Ávila Gomes, prendendo-se a escolha essencialmente com, em primeiro lugar, com a larga experiência profissional destes architectos, em segundo lugar, com a especificidade da linguagem architectónica por eles adoptada e por último, com a disponibilidade em me ser proporcionado este trabalho abrangente da realidade do atelier.

Este relatório procura pois traduzir essa abrangência, descrevendo, em primeiro lugar, o trabalho realizado. Essa descrição diz respeito mais ao tipo de tarefas realizadas que aos resultados. Quero dizer que não achei que fosse função deste relatório, ou pelo menos função principal, descrever os projectos



em si, visto a concepção da ideia-base não ser da minha responsabilidade e por achar que essa descrição não implicava no trabalho por mim efectuado.

Resolvi assim fazer apenas uma breve descrição dos projectos em que estive envolvido mais profundamente, sem a qual o relato do trabalho seria também demasiado vago e difícil de compreender. Com a mesma razão, são também apresentadas algumas ilustrações dos projectos.

Por outro lado, essa descrição é no entanto importante na medida em que o tipo de projecto influencia o processo de trabalho. Esta questão é para mim muito importante e acerca dela me pronunciarei algumas vezes ao longo deste relatório.

Começo pois por falar, neste relatório, na minha participação na elaboração de três projectos que foram aqueles em que estive envolvido durante mais tempo e de forma mais profunda, em que tive um contacto mais próximo com a globalidade do processo.

Acerca de cada um, estabeleço alguns comentários em relação aos aspectos que considero terem sido mais importantes no desenrolar do processo de trabalho. Estes dizem respeito, entre outras coisas, à adequação das tarefas realizadas e dos elementos de projecto ao projecto em si, à gestão dos meios de produção por parte do atelier e à relação com o cliente e outros intervenientes no processo como sejam a câmara municipal ou os projectistas das especialidades. De seguida, faço ainda uma referência ao conjunto de trabalhos que não exigiam, pelo menos à partida, um entrosamento tão grande no processo.

Ao falar de todos estes trabalhos, é muito importante o confronto entre todos eles que agora me é proporcionado, ainda para mais por se terem tratado de trabalhos bastante variados, o que contribui bastante para o proveito que este estágio teve para mim.

Por outro lado, procuro também analisar o meu desempenho, particularmente sob o aspecto da minha postura perante o trabalho, do desenvolvimento do sentido de responsabilidade, olhar crítico sobre o trabalho efectuado e motivação para a realização do mesmo. Falo desses aspectos interiores à forma como é realizado o trabalho, mais do que do reflexo exterior desse mesmo trabalho, das dúvidas que tive ou não, do seu esclarecimento e acumulação de conhecimentos. Isto porque estes aspectos são, por um lado, mais particulares e dificilmente encontrariam lugar, neste relatório, para uma descrição exhaustiva nem, por outro lado, isso teria, na minha opinião, interesse de maior. Creio que o que é importante descrever neste momento é o desenvolvimento dos mecanismos de trabalho e o estabelecimento da matriz sobre a qual possam depois assentar os conhecimentos específicos que se forem necessariamente adquirindo.

Por fim, dedico, antes das conclusões, um espaço à descrição de alguns aspectos relacionados com o método de trabalho no atelier, sobre os quais se me afigurou importante fazer alguns comentários.

O estágio representa uma oportunidade de aprendizagem, não só pela familiarização e integração nos métodos de trabalho de um atelier, mas também, em grande parte, pela capacidade crítica que se desenvolve em relação a esses métodos. Daí que este relatório, enquanto ocasião para a reflexão acerca do trabalho efectuado, seja tão importante, por ser ele próprio uma oportunidade de aprendizagem.

Na fase de conclusão do projecto de execução, o edifício estava já definido de forma muito pormenorizada em tudo o que se reflecte em planta, corte e alçada à escala 1:50, tratando o trabalho a efectuar essencialmente de três aspectos: o primeiro, a realização de peças desenhadas que complementassem o que fosse necessário em termos de concretização construtiva, o segundo, a conclusão das partes estruturais, nomeadamente o caderno de acabamentos, o terceiro e último, a organização final de todo o processo para envio ao cliente. A maior participação repercutiu-se essencialmente no primeiro aspecto referido.

O facto de o projecto se encontrar já nessa fase avançada não foi impedimento para poder ter dele uma visão global. Para esse facto contribui a organização do trabalho no atelier, em que cada tarefa a realizar me foi sempre contextualizada, ainda que simultaneamente, no todo do processo de realização do projecto, e em que, encontrando-se todas as pessoas num mesmo espaço de trabalho, é possível acompanhar permanentemente o desenvolvimento das diversas tarefas no mesmo ou em diferentes projectos.

Assim, apesar das primeiras tarefas por mim realizadas serem bastante simples e tratando apenas da apresentação final de alguns desenhos, foi-me apresentado o projecto na sua intelecção no plano de pormenor, também elaborado pelo atelier, para a zona da Praça José Régio e nos seus aspectos particulares, nomeadamente os luminários.

De si era diante, quase todos os desenhos de pormenorização do projecto, sempre à escala 1:100, me passaram pelas mãos, tendo sido a maior parte por mim realizada ou completada no estador.

Ao mesmo tempo, devido às já referidas condições de trabalho no atelier, pude acompanhar as últimas revisões e acertos nos desenhos à escala 1:100 (plantas, cortes e alçadas) realizadas no computador. Estas passavam essencialmente, por um lado, por pequenas acções no projecto referencial, em grande parte das vezes, as suas redes técnicas (água, luz, gás, ventilações) e, por outro lado, no completar e alterar dos desenhos em resposta aos desenhos de pormenor que se iam fazendo e ao acrescentar de informação.

Acerca das redes técnicas, apesar de não ter sido tarefa por mim realizada, foi possível ter a percepção dos seus requisitos e do peso considerável que apresentam num projecto já de certa convergência para o estádio.

Quando ao trabalho por mim realizado, este passou, inicialmente, pelos pormenores construtivos à escala 1:20 (cortes de fachada, cobertura, etc.), desenhos relativos ao revestimento de azulejos (instalações sanitárias, bar, etc.) no estador do edifício, desenhos de alguns aspectos de verticalização



## Os projectos

O primeiro trabalho por mim realizado no atelier foi na elaboração do projecto da Residência de Estudantes de Vila do Conde, cujo promotor é o Instituto Politécnico do Porto.

Quando iniciei a minha participação neste projecto, este encontrava-se já em fase de conclusão do projecto de execução. O edifício estava já definido de forma muito pormenorizada em tudo o que se reflecte em planta, corte e alçado à escala 1:50, tratando o trabalho a efectuar essencialmente de três aspectos: o primeiro, a realização de peças desenhadas que complementassem o que fosse necessário em termos de concretização construtiva; o segundo, a conclusão das partes escritas, nomeadamente o caderno de acabamentos; o terceiro e último, a organização final de todo o processo para envio ao cliente. A minha participação reportou-se essencialmente ao primeiro aspecto referido.

O facto de o projecto se encontrar já nessa fase avançada não foi impedimento para poder ter dele uma visão global. Para esse facto contribui a organização do trabalho no atelier, em que cada tarefa a realizar me foi sempre contextualizada, ainda que sucintamente, no todo do processo de realização do projecto, e em que, encontrando-se todas as pessoas num mesmo espaço de trabalho, é possível acompanhar permanentemente o desenvolvimento das diversas tarefas no mesmo ou em diferentes projectos.

Assim, apesar das primeiras tarefas por mim realizadas serem bastante simples e tratando apenas da apresentação final de alguns desenhos, foi-me apresentado o projecto na sua inserção no plano de pormenor, também elaborado pelo atelier, para a zona da Praça José Régio e nos seus aspectos particulares, nomeadamente os funcionais.

De aí em diante, quase todos os desenhos de pormenorização do projecto, acima da escala 1:100, me passaram pelas mãos, tendo sido a maior parte por mim realizada ou completada ao estirador.

Ao mesmo tempo, devido às já referidas condições de trabalho no atelier, pude acompanhar as últimas revisões e acertos nos desenhos à escala 1:100 (plantas, cortes e alçados), realizadas no computador. Estas passavam essencialmente, por um lado, por pequenos acertos no projecto referentes, em grande parte dos casos, às suas redes técnicas (água, luz, gás, ventilações) e, por outro lado, ao completar e alterar dos desenhos em resposta aos desenhos de pormenor que se iam fazendo e ao acrescentar de informação.

Acerca das redes técnicas, apesar de não ter sido tarefa por mim realizada, foi possível ter a percepção dos seus requisitos e do peso considerável que apresentam num projecto já de certa envergadura como é este.

Quanto ao trabalho por mim realizado, este passou, sucintamente, pelos pormenores construtivos à escala 1:20 (cortes de fachada, cobertura, etc.), desenhos relativos ao assentamento de azulejos (instalações sanitárias, bar, zonas no exterior do edifício), desenho de alguns aspectos de serralharia



(clarabóias, courettes técnicas, guardas e caixilharias), desenho das carpintarias nos interiores e desenho de mobiliário.

Este projecto foi alvo de uma grande quantidade de desenhos de pormenorização e foi para mim bastante gratificante participar nesse esforço de concretização da forma que o edifício virá a tomar. Foi possível decidir e desenhar quase todos os aspectos que caracterizam o edifício o que se espera que lhe assegure a devida qualidade e coerência.

Esse esforço de pormenorização é algo que muito me agrada e motiva pois acredito que este pode ser muito determinante para o sucesso de um edifício. Agrada-me a ideia de um edifício relativamente vulgar que pode ser muito feliz na relação com os seus utilizadores pela atenção à pequena escala. Por outro lado, é nesse esforço de concretização que o projecto começa a ganhar substância e a realizar a ponte entre o seu carácter necessariamente abstracto e a realidade física que procura representar e tornar possível que venha a existir. É nesses momentos que o edifício projectado se começa a parecer com um edifício e a afastar-se da sua aparência de projecto.

Após a conclusão do processo e procedendo à sua avaliação por parte do gabinete, foi considerado, nomeadamente por parte do arquitecto Luiz Cunha, que a pormenorização do projecto havia sido, em alguns aspectos, excessiva, implicando uma carga de trabalho que poderia em alguns casos ter sido evitada, remetendo para a obra algumas decisões. O número de desenhos poderia também ter sido reduzido se, ao invés de desenhar exaustivamente todas as situações, se tivessem produzido apenas esquemas de princípio, sendo quaisquer informações complementares ou esclarecimento de dúvidas na sua aplicação posteriormente esclarecidas também em obra. Apesar dessa situação implicar maiores custos na assistência à obra, o balanço em termos de carga de trabalho poderia ainda ter sido vantajoso.

Outro aspecto referido pelo arquitecto Luiz Cunha foi o facto de tão grande grau de pormenorização do projecto cercear demasiado a intervenção em obra. Determinadas soluções que facilmente poderiam ter sido decididas, eventualmente de uma forma mais adequada, perante a realidade em construção, encontram-se assim já vinculadas a um desenho. A muita pormenorização na fase de projecto pode assim, ao contrário do que eu poderia pensar ao princípio, não ser benéfica para a qualidade de um edifício, para além de reduzir um dos aspectos mais estimulantes da assistência à obra que é a intervenção projectual directamente sobre o edifício já em construção.

Este trabalho implicou também, para mim, o primeiro contacto com o que é verdadeiramente um projecto de execução. Assim, durante a sua realização, faltava-me ainda a percepção de todo o trabalho a efectuar, nomeadamente no que dizia respeito à pormenorização, tendo feito os diversos desenhos que a esta diziam respeito à medida que me foram sendo solicitados. Foi, neste aspecto, uma boa aprendizagem.

Quanto aos aspectos técnico construtivos propriamente ditos, a experiência foi também bastante proveitosa, nomeadamente conquanto o



domínio destes só pode ser adquirido com a experiência e o contacto com as diferentes situações.

O trabalho que de seguida me ocupou durante mais tempo foi o da preparação do processo do projecto de execução para o Centro de Terceira Idade da paróquia de Santa Cristina do Couto, em Santo Tirso.

Tratou-se, neste caso, de fazer os últimos acertos, correcções e alterações ao projecto, o qual se encontrava já elaborado. Estes passavam, em primeiro lugar, por algumas alterações de materiais de revestimentos e caixilharias exigidas pelo cliente. Foi também necessário completar o mapa de vãos e realizar alguns desenhos de pormenor que se julgaram necessários. O trabalho a realizar passou não só pela alteração e realização de peças desenhadas, como também pela actualização que estas implicaram nas peças escritas. Assim, para além da elaboração da memória descritiva, tive pela primeira vez contacto com a componente de medições e orçamento, que foram também verificados e parcialmente alterados.

O mais importante neste trabalho, à partida simples mas que tomou ainda proporções consideráveis, foi que, pela primeira vez, fui responsável por completar um processo no seu todo. Foi-me assim exigido o controle dos diversos elementos do processo e passei a ser responsável por que todos estivessem verificados e prontos no prazo determinado. A minha responsabilidade passou pois a ser não só em relação aos elementos por mim realizados ou intervindos, mas sim em relação a todos os elementos, mesmo aqueles que já estavam prontos.

Desses elementos fizeram parte, não só o projecto de arquitectura mas também os das especialidades, os quais foram, após terem sido entregues no gabinete, sujeitos a uma verificação geral para evitar quaisquer discrepâncias com o projecto de arquitectura, nomeadamente em relação às alterações realizadas nesta última fase. Estas discrepâncias existiam, por deficiências de comunicação entre o cliente e os projectistas das especialidades, e tiveram que ser corrigidas. O inverso sucedeu também, tendo o projecto de arquitectura que ser corrigido em alguns aspectos por forma a ser compatibilizado com as especialidades.

Assim, essa exigência de controle global de todo o processo foi um dos aspectos mais marcantes deste trabalho. Essa exigência permitiu-me ter plena consciência de todos os elementos que integram um projecto de execução. Se em relação às peças desenhadas do projecto de arquitectura eu tinha já conhecimento do que nelas deveria constar, até por se tratar de um projecto de dimensões relativamente modestas e sem requisitos técnicos especiais, já o mesmo não posso dizer em relação às peças escritas, aspecto nem sempre focado na minha formação académica anterior.

Tratou-se de um contacto com essa vertente do projecto (caderno de encargos, cadernos de condições técnicas gerais e especiais, medições e



orçamento) que considero bastante proveitoso. Fiquei assim com a consciência do peso que toda essa parte escrita, acrescida dos aspectos burocráticos, tem no processo, o que só foi plenamente possível devido à responsabilidade pela saída do projecto para entrega ao cliente que me foi delegada.

O último projecto em que participei no âmbito do meu estágio foi o do Hotel Ibis de Guimarães, que teve a peculiaridade de ter início já durante o estágio. Tive portanto oportunidade de acompanhar o processo desde o seu início, embora não tenha nele participado nos seus primeiros desenvolvimentos.

Tive, em primeiro lugar, a possibilidade de me inteirar dos primeiros dados do problema, nomeadamente o local da intervenção e o programa apresentado pelo promotor. Os projectos dos hotéis Ibis têm, em relação a este segundo aspecto, a particularidade de apresentarem um standard bastante restritivo, quer em questões funcionais e dimensionais (o módulo constituído pela unidade de quarto e respectiva casa-de-banho é absolutamente inalterável), quer em questões formais que as primeiras implicam (a dimensão das janelas, por exemplo, é pré-determinada).

O projecto tratou, numa primeira fase, de, com estes dados programáticos, apresentar um conjunto de propostas de organização funcional/volumétrica de implantação no sítio, com um carácter relativamente diagramático.

A adaptação do programa Ibis às circunstâncias do local é aliás, no meu entender, o principal tema de trabalho neste projecto, pois a relação entre os dois aspectos não é de todo a mais pacífica.

A acrescer a um programa tão restritivo, o sítio apresenta diversas particularidades que dificultam ou não permitem a aplicação do standard Ibis na sua forma mais pura. Trata-se de um lote inserido num loteamento recente no qual se inserem igualmente a nova central de camionagem de Guimarães, o Guimarães Shopping Center, bem como zonas de edifícios de habitação. O loteamento procedeu a alterações de vulto da rede viária existente, nomeadamente com a criação de uma nova rotunda na qual se encontra um grande espelho de água circular, configurando-se todo este conjunto, sem dúvida, como uma das novas centralidades da cidade de Guimarães.

O lote que nos diz respeito constitui uma língua estreita de terreno entre dois arruamentos, apontando para a nova rotunda. Acompanhando o lado Sul do terreno, criando um fosso entre este e o passeio público, corre uma pequena ribeira que actualmente apresenta uma situação de salubridade pouco desejável, que se espera que venha a ser resolvida em breve. Fechando o lote a Este existe um lavadouro público, constituído por um grande tanque rectangular, coberto, juntamente com a zona que o circunda, por uma grande cobertura de duas águas de estrutura metálica. Sensivelmente no centro do lote existe um edifício rectangular de alvenaria de pedra, restante do antigo matadouro municipal e que determinações camarárias e do loteamento exigiam que fosse conservado.



A estes factores aliam-se ainda índices de construção e de ocupação so solo e uma cêrcea determinados no projecto de loteamento da zona, índices no limite dos quais o nosso projecto se encontra.

Trata-se pois de um terreno relativamente constrangido que apresentava alguma dificuldade para a implantação do hotel, cuja regra modular a aplicar e determinados princípios de economia (um deles, a busca do ratio mais económico entre área de quartos e área de circulação) dão origem a volumes de forma rígida e relativamente volumosa.

Um aspecto que foi interessante de acompanhar neste trabalho foi, o da relação com o cliente, relação que foi neste caso efectuada através de uma empresa especializada. Com esta foram estabelecidos diversos contactos, quer via fax, quer em reuniões, nos quais eram apresentadas as dúvidas, ressalvas, alterações ou novos requisitos do projecto em relação às propostas apresentadas pelo gabinete. Destes contactos e dos contactos efectuados na Câmara Municipal de Guimarães resultaram as sucessivas escolhas a que se foi procedendo a partir do primeiro conjunto de propostas apresentadas.

Com estas propostas de organização funcional/volumétrica tratou-se essencialmente de averiguar da possibilidade de satisfazer as aspirações do cliente com vista à rentabilidade do investimento. Estas passavam, nomeadamente, pelo aproveitamento, até ao possível, dos índices regulamentados para o lote, construindo o máximo número de quartos, objectivo que se começou a verificar ser difícil satisfazer considerando a existência do lavadouro público. Assim, após considerar diversas possibilidades que incluíam a manutenção do lavadouro, a alteração da sua localização ou a sua remoção, e após averiguar acerca desta questão junto da câmara municipal, decidiu-se pela hipótese da remoção.

A questão decisiva na concepção do projecto passou a ser, a partir daí, a criação de um único bloco de quartos ou a distribuição destes por dois volumes, um de cada lado do edifício do antigo matadouro. Esta segunda hipótese era a preferida pelos arquitectos pois permitia uma distribuição mais equilibrada no lote, atribuindo uma maior unidade à composição que a organização em dois blocos, um de quartos e outro, anexo, contendo as zonas sociais e de apoio, não permitiria.

A distribuição dos quartos por dois blocos implicou diálogo, em primeiro lugar, com o cliente, pois esta hipótese implicava, entre outras coisas, uma maior área de circulação. Por outro lado, do lado da câmara municipal, foi necessário averiguar da possibilidade de novos relacionamentos com o edifício existente, pois esta hipótese tornava necessária a construção, sobre este, dos corredores de ligação entre os dois blocos de quartos. Deste diálogo resultou a aprovação desta hipótese, a qual passou então a ser desenvolvida para apresentação do projecto de licenciamento camarário.

Foi só a partir desta fase que iniciei o meu trabalho neste projecto. Achei, no entanto, importante descrever o processo que lhe foi anterior, pois este foi para mim uma oportunidade de acompanhar o processo de concepção



e, particularmente, o decorrer deste em relação com os restantes intervenientes, para além dos arquitectos.

Em primeiro lugar, verifiquei que este é um processo cuja boa gestão é essencial para que o desenvolvimento do projecto possa decorrer da forma mais eficaz. Esta eficácia implica também economia na gestão de meios, e o diálogo constante quer com o cliente, quer com câmara municipal, permite uma resposta rápida da parte dos projectistas aos requisitos que vão surgindo, evitando, por exemplo, que se gaste tempo a desenvolver propostas que não poderão ser aprovadas.

Os contactos preliminares na câmara municipal procuram assegurar que o mínimo de objecções sejam levantadas ao projecto no processo de licenciamento. Por outro lado, foi também interessante verificar como foi, neste caso, importante gerir os contactos com o cliente por forma que em caso de dúvida, falta de esclarecimento ou ausência de algum dado que impedisse de avançar o projecto, essa situação fosse claramente identificada e notificada por contacto via fax com o cliente, para assim salvaguardar a posição do atelier, em caso de eventuais atrasos em relação aos prazos estabelecidos, para além da questão da contabilização do trabalho efectuado.

Daqui para a frente, o desenvolvimento da proposta continuou já trabalhando exclusivamente ao computador. Este, para além de ser o meio usual de elaboração de projectos no gabinete, apresenta enormes vantagens num projecto como este, com um alto grau de modularidade e repetição.

Assim, as plantas e cortes foram desenvolvidos num computador por um arquitecto colaborador no gabinete e coube-me a mim, noutra computador, o desenvolvimento dos alçados. O trabalho foi continuamente acompanhado pelo arquitecto Ávila Gomes. Tratou-se de um processo em que, apesar de estarmos sujeitos a alguma pressão de tempo, a concepção decorreu até ao seu final, como é aliás inerente ao projecto de arquitectura. Neste caso, verifiquei como o facto de o trabalho ser realizado no computador permite que esse processo de concepção, as alterações, correcções ou inovações possam ser introduzidas até ao último momento.

Essa resposta dos computadores ao processo de concepção e o facto do desenvolvimento do projecto ser realizado por uma equipa, foram para mim os factores mais estimulantes neste trabalho.

É interessante confrontar este trabalho no projecto do Hotel Ibis, o último por mim realizado no atelier no âmbito do meu estágio, com o primeiro, do qual já falei, a colaboração na elaboração do projecto da residência de estudantes de Vila do Conde.

Estes trabalhos diferem essencialmente no grau de liberdade de concepção para os arquitectos. O projecto do hotel esteve sujeito a todos os constrangimentos já referidos, nomeadamente ao nível programático. O projecto da residência de estudantes foi feito com muito maior liberdade, a



começar pelo facto de se inserir num plano de pormenor da autoria do arquitecto Luiz Cunha.

Apesar de se tratar também de um programa com um elevado grau de repetição, houve ainda lugar para alguma variação que, para além da existência de mais do que um quarto tipo, teve como aspecto mais relevante, no meu entender, as variações realizadas nas fachadas que passaram por diferentes caracterizações dos vãos, revestimentos exteriores e pela aplicação de elementos decorativos, por forma a atribuir ao edifício um carácter e expressão adequados à sua posição numa praça importante da cidade e à sua condição de equipamento, de alguma forma institucional.

A maior liberdade neste projecto permitiu também atribuir uma grande importância e maior peso aos espaços comuns, essencialmente de circulação, reforçando a vivência colectiva da arquitectura.

São aspectos como estes que faltam no projecto do Hotel Ibis e que se justificariam também, quer pelo seu carácter de equipamento excepcional na cidade, quer pela sua posição, numa zona que, como já referi, se assume como bastante central, pela sua caracterização formal e pelo conjunto de importantes equipamentos aí existentes. Isto não foi no entanto possível, essencialmente pelas fortes limitações de custos impostas pelo cliente.

Embora as coisas nem sempre se passem desta forma, as limitações económicas, com que o cliente assegura a rentabilidade do investimento, dificultam fortemente, neste caso, que o edifício assumira o papel que deveria na cidade.

E mais do que a questão da expressão das fachadas, o aspecto que apresenta mais dificuldades à inserção do hotel no seu contexto é o facto de a sua modularidade impedir qualquer inflexão nos volumes e de, assim, num lote tão constringido como já foi descrito, nos encontrarmos remetidos para volumes que se regem por uma ortogonalidade estrita e com dimensões já restringidas por essa mesma modularidade.

Fica assim reservado para os arquitectos um complicado trabalho de gestão, que já foi em parte descrito e que procura assegurar ao edifício a dignidade devida.

Neste projecto, um dos factores mais importantes foi a divisão dos quartos por dois volumes, um de cada lado do edifício existente, permitindo criar um espaço de chegada fronteiro ao hotel, relativamente contido e com uma certa unidade formal que lhe é atribuída por uma simetria parcial.

Outro aspecto, mais parcial mas também relevante, foi a posição atribuída às zonas sociais, enfrentando a rotunda existente com um terraço exterior coberto por um pórtico que se reflecte num espelho de água incluído no projecto. Estes aspectos formais são no entanto opostos à lógica economicista do cliente e são fruto do compromisso conseguido nos sucessivos contactos já referidos e só possíveis na medida em que essas realizações possam oferecer uma mais-valia também rentabilizável ou acreditando que um projecto com mais qualidade mais facilmente poderá ser aprovado pela câmara municipal.



Um outro aspecto que difere largamente nestes dois projectos é o grau de pormenorização. Embora se tratem de fases de projecto diferentes, projecto de execução no caso da residência e de licenciamento no caso do hotel, é-me possível estabelecer a comparação tendo em conta projectos anteriormente realizados no gabinete para outros hotéis Ibis. Estes apresentam uma pormenorização também ela standardizada, nomeadamente no que diz respeito aos acabamentos interiores e mobiliário de quarto.

Ao contrário, o projecto de Vila do Conde foi sujeito a um grau de pormenorização bastante exaustivo, como aliás foi já referido. Esta comparação introduz uma outra questão acerca do processo projectual: a gestão que tem que ser feita pelo atelier do grau de pormenorização e da quantidade de peças desenhadas que constitui os processos e consequentemente, da quantidade de trabalho dedicada a cada projecto em função das suas características e condições de produção, por forma a melhor rentabilizar os meios do gabinete.

Achei importante descrever de uma forma mais pormenorizada o trabalho por mim realizado em três dos projectos em curso no gabinete, por se tratar dos trabalhos aos quais mais tempo dediquei e, para além disso, por serem aqueles em que estive mais profundamente em contacto com a globalidade dos processos.

No entanto, ao longo do meu estágio, realizei muitas outras tarefas, tendo tido a oportunidade de participar no trabalho do atelier nos seus mais diversos aspectos. Essas tarefas passaram, por exemplo, pela cotagem de desenhos, medições, realização de alterações em desenhos de vários projectos ou elaboração de processos de amarelos e encarnados para entregar em câmaras municipais.

Estes trabalhos, embora circunscritos no processo global de um projecto, exigiram da minha parte a familiarização relativamente rápida com quase todos os projectos em curso no atelier. Isto sucede também porque o atelier se encontra numa fase de finalização de vários projectos, tendo sido mais a partir de meio do meu estágio que se deu início a novos projectos ou a novas fases de projectos já iniciados.

Assim, para além dos três projectos de que já falei, que corresponderam todos à conclusão de uma fase de trabalho, projecto de execução no caso de Vila do Conde e de Santa Cristina do Couto, projecto de licenciamento no caso de Guimarães, assisti e participei na conclusão de mais três projectos.

Ao contrário dos projectos já descritos, que se tratavam, nos três casos, de equipamento a (uma residência de estudantes, um lar e centro de dia para a terceira idade e um hotel), estes eram edifícios de habitação. Este facto, juntamente com algumas outras circunstâncias, reflecte-se, nestes casos, numa relação diferente com o cliente e, consequentemente, em algumas diferenças no desenvolvimento dos projectos.

Acontece nestes casos, por um lado, que a relação entre elaboração do projecto e construção não é tanto uma sucessão de dois passos e que os



projectistas mais vezes se vêem solicitados a realizar alterações em fases mais adiantadas do projecto ou mesmo da obra. Tratam-se de alterações relativamente pontuais respeitantes essencialmente a aspectos funcionais, diferentes aproveitamentos dos espaços, que surgem, a maior parte das vezes, por mudanças ou diferentes avaliações do mercado a que se destinam os fogos ou lojas projectados. Estas alterações, na maior parte dos casos não implicam nos aspectos conceptuais do projecto e na sua qualidade excepto em casos excepcionais, como por exemplo um edifício que enfrentar a rua com uma frente de lojas e que, por falta de interesse comercial por parte do promotor, deixe de o fazer.

Por outro lado, um outro aspecto que se verifica nestes projectos, é a falta de intervenção dos projectistas ao nível da pormenorização no interior dos fogos. Esta limita-se genericamente ao exterior e às zonas comuns dos edifícios como escadas e vestíbulos de entrada, deixando as decisões acerca do desenho dos interiores dos fogos e dos acabamentos ao critério do promotor dos empreendimentos, totalmente o oposto dos projectos de Vila do Conde e de Santa Cristina do Couto, em que os interiores eram quase exaustivamente desenhados. É neste aspecto que, na minha opinião, se perde a oportunidade de conseguir uma qualidade arquitectónica, que as condições de produção não permitem.

Ainda em relação ao trabalho por mim realizado nestes projectos, apesar de relativamente pontual, implicava uma responsabilização em relação a todo o trabalho já realizado anteriormente à minha intervenção. Quero dizer que, se estava por exemplo a finalizar as peças desenhadas de um projecto de licenciamento, introduzindo as últimas alterações e correcções, deveria ter um olhar crítico perante o trabalho na sua globalidade para me assegurar que os desenhos estavam realmente prontos a serem entregues ao cliente.

Trata-se da responsabilidade perante o trabalho apresentado pelo gabinete, que não sentia ainda propriamente no trabalho de Vila do Conde, em que me limitava a realizar os desenhos que me iam sendo solicitados, e que foi aumentando, como é natural, ao longo do estágio.

Um último aspecto acerca destes trabalhos mais pontuais, foi a possibilidade de acompanhar a elaboração de um projecto de loteamento, o que considero bastante interessante, especialmente por se tratar de um aspecto que não foi abordado ao longo do meu percurso académico anterior.

### **Os métodos de trabalho.**

Este estágio foi por mim concebido como uma oportunidade de integração na rotina de um gabinete de arquitectura, de forma tão abrangente quanto possível. Assim, existe um trabalho de familiarização e adaptação a determinados métodos de trabalho. As principais dúvidas que surgiram, nomeadamente nos primeiros tempos do estágio, foram aliás, na sua maior



parte, relativas ao desconhecimento desses métodos, do modo de fazer habitual no atelier. Um exemplo bastante claro do que acabo de dizer é a familiarização com o grau de definição atribuído no atelier a cada escala de projecto, questão que se colocou, por exemplo, na elaboração dos pormenores à escala 1:20 para o projecto da residência de estudantes.

Passado algum tempo de estágio, começa a ser possível estabelecer um olhar crítico perante esses métodos de trabalho, que permite, por um lado, avaliando melhor qual a forma mais adequada à realização de uma tarefa, aumentar a capacidade de intervenção na elaboração dos projectos. Por outro lado, essa avaliação dos métodos utilizados é, tanto nos casos com que se concorda como naqueles em que isso não acontece, extremamente importante enquanto aprendizagem.

Um factor aparentemente não muito relevante mas que se revelou para mim de grande importância, é o facto de toda a equipa trabalhar no mesmo espaço. Este facto permitiu-me mais facilmente acompanhar as diversas facetas do trabalho no atelier.

Isto diz respeito, em primeiro lugar ao conhecimento dos diversos projectos e do seu processo de elaboração, das principais questões que se colocam nas discussões levantadas e das soluções encontradas em cada caso. Para além do conhecimento dos projectos, é possível acompanhar também as diversas tarefas na sua elaboração, quer se trate da elaboração de plantas, cortes e alçados à escala 1:100, projectos de loteamento à escala 1:500, trabalhos geralmente realizados no computador, ou da realização de desenhos de pormenor, geralmente trabalho de estirador, ou da organização de um processo para envio ao cliente. Este facto é para mim extremamente positivo por permitir um mais fácil entrosamento com o trabalho do atelier.

O facto de todos nos encontrarmos no mesmo espaço permitiu-me também um mais rápido esclarecimento das dúvidas que iam surgindo. Para além disso, penso que a capacidade produtiva do atelier é, em determinados aspectos, melhorada pois mais prontamente qualquer membro da equipa pode intervir num determinado projecto por já estar, pelo menos em parte, esclarecido quanto ao decorrer do processo.

Um aspecto fundamental em relação aos métodos de trabalho é o da minha relação com o processo de concepção dos projectos. Apesar de se tratar de um gabinete com uma quantidade considerável de trabalho, a estrutura de produção é, neste momento, relativamente pequena e o arquitecto Luiz Cunha consegue ainda encarregar-se da concepção dos projectos de uma forma bastante empenhada e até um grau de desenvolvimento relativamente grande.

À restante equipa de trabalho compete geralmente o desenvolvimento das propostas apresentadas pelo arquitecto Luiz Cunha, confrontando-as com todos os aspectos relacionados com a sua concretização construtiva, procedendo-se aos necessários acertos e sendo produzidas todas as peças desenhadas exigidas pela fase em que o projecto se encontre, introduzindo-se assim, com essa necessidade de explicitação do mesmo, uma série de novas questões resolvidas quer em discussão com o arquitecto Luiz Cunha, quer pela restante equipa.



Assim, tanto o arquitecto Luiz Cunha como o arquitecto Ávila Gomes acompanham intensivamente todo o processo de projecto e têm sobre a concepção deste um controle bastante grande, restando, sob este aspecto, pouco campo de intervenção para os seus colaboradores. Este remete-se para as decisões que se vão tornando necessárias no processo de explicitação do projecto de que falava.

No que me diz respeito, gostaria de facto que essa intervenção pudesse ser maior. Por um lado, por acreditar que, de uma maior discussão em equipa dos aspectos da concepção, com toda a complexidade e compromisso de vontades que esta implicaria, poderia resultar um acréscimo da qualidade dos projectos.

A arquitectura é, por natureza, uma realização de compromissos. Compromissos entre factores tão diversos como a procura de uma emoção estética, as necessidades funcionais, as possibilidades construtivas. É da tensão e do equilíbrio entre estes factores que surge a arquitectura com todo o seu significado e solidez, quando estes factores se encontram, se reforçam, como que confirmando que a solução encontrada está realmente certa. Qual seria o significado da cúpula de Brunelleschi, não fora ela tratar-se também de uma magnífica realização de técnica construtiva, esforço justo na gigantesca tarefa humana de representação do Universo e da posição que o Homem nele assumiria, tarefa de intuito verdadeiramente tão científico como estético?

Para além disso, a arquitectura faz-se de uma conjugação de vontades de diversos intervenientes no processo, dos quais os principais são os autores do projecto, os clientes e os futuros utilizadores da obra construída. Na relação entre estes dá-se um adensar de problemas e questões que pode contribuir, e assim é desejável, para a qualidade da arquitectura, pois é a busca da solução desses problemas que dá início à busca da solução arquitectónica.

Todo este processo, difícil, só pode ser conduzido com base numa forte componente de experimentação, e é neste aspecto que creio que uma maior participação de todos os elementos da equipa de trabalho do atelier poderia ser útil, por poder introduzir no processo novas hipóteses de trabalho.

O facto de trabalhar num projecto na concepção do qual a minha intervenção é relativamente diminuta, é um dos principais aspectos novos para mim, neste estágio. E esse facto exige um esforço, de que já falei, de responsabilização e de tentar encontrar o campo de intervenção que permita a capacidade de decisão necessária à eficiência do meu desempenho, questões que não se colocam num projecto pelo qual eu seja o primeiro responsável.

Trata-se, como já disse também, de fazer dos projectos em que estou a trabalhar no atelier, também meus projectos. Isto passa, na minha opinião, em parte, por valorizar a intervenção que se tem no projecto, na fase de desenvolvimento da ideia-base e na resposta às questões que com ele vão surgindo.

Embora, na elaboração da ideia-base a minha intervenção e dos restantes colaboradores seja praticamente inexistente, nos desenvolvimentos posteriores essa intervenção acontece, geralmente em aspectos de menor escala.



Essa participação é para mim bastante gratificante pois atribuo a essa escala mais pequena uma grande importância. Isto porque o desenvolvimento à menor escala faz surgir toda uma diversidade de situações que suscitam o compromisso e a tensão de que falava acima, o compromisso com as necessidades construtivas, funcionais ou outras que se impõem na pequena escala e que necessitam de ser compatibilizadas e tornadas coerentes com a grande escala.

Aspectos de pequena escala são também determinantes na relação quotidiana do edifício com os seus utilizadores, determinantes num olhar mais próximo e prolongado que muitas vezes é descurado nas considerações acerca de qualidade arquitectónica tidas como mais esclarecidas.

A tensão entre a grande e a pequena escala para uma alternância entre o olhar mais abrangente sobre o edifício e um segundo olhar, que descobre pormenores dos quais ainda não nos tínhamos apercebido, o que contribui fortemente para a vivacidade da experiência que se tem de um edifício.

Nessa tensão, grande e pequena escala valorizam-se e remetem-se mutuamente, o que implica que, no processo de concepção sejam também inseparáveis e que, nas decisões tomadas em relação a pormenores como a guarda de uma escada ou um padrão decorativo numa parede revestida a azulejo, há que ter presente (pelo menos até certo ponto) a globalidade do projecto.

A vontade de maior participação na concepção dos projectos surge também com o sentimento de que esta é o que caracteriza verdadeiramente o exercício pleno da profissão de Arquitecto. Este facto reflecte-se também no peso que este aspecto da profissão assume na nossa formação académica.

Quero ainda comentar um último aspecto dos métodos de trabalho que diz respeito à utilização que é feita dos computadores. Na maior parte dos casos, os projectos têm início com a apresentação de uma ideia-base por parte do arquitecto Luiz Cunha. Esta ideia-base começa depois a ser desenvolvida pelo resto da equipa no computador, como já foi descrito no caso do Hotel Ibis de Guimarães.

Este é aliás um bom exemplo das vantagens da utilização do computador, devido a tratar-se de um projecto com um programa com um grande grau de repetição e modularidade, o que, utilizando o computador reduz drasticamente o seu tempo de execução.

Uma das questões que se poderia colocar acerca do uso dos computadores, é a da influência que este (tal como qualquer outro meio de produção) poderia ter no resultado final dos projectos. Neste caso, não creio, no entanto, que haja a registar qualquer tipo de relação em particular, em grande parte, na minha opinião, pelo facto de que quando se começa a trabalhar um projecto no computador, ele já estar conceptualmente muito desenvolvido.

Um outro aspecto diz respeito à rentabilização dos meios informáticos que eu penso não ser a melhor, não estando os computadores a ser utilizados em todo o seu potencial. Isto é particularmente visível na gestão das mudanças de escala e na elaboração dos desenhos de pormenor. Estes são muitas vezes



realizados ao estirador, ao invés de se produzir o desenho no computador, introduzindo nos desenhos até aí realizados para as escalas menores, o grau de pormenor necessário para a escala pretendida.

É na questão da gestão das várias escalas que o computador introduz maiores alterações. Estas passam, em primeiro lugar, pelo cada vez maior grau de pormenor que cada uma apresenta. Uma planta à escala 1:100 consegue ter a mesma quantidade de informação que teria uma planta à escala 1:20 se fosse realizada ao estirador. E assim, se por um lado ganhamos tempo na realização do desenho, o grau de exigência quanto à informação por este contido aumenta bastante, o que reduz esse ganho.

O que se passa é que, nomeadamente ao nível das plantas e alçados, a questão da escala começa a não se colocar, havendo uma uniformização da pormenorização, poupando-se, à partida, no tempo de definição dos critérios a utilizar para cada escala. Parece-me, no entanto, que muitas vezes se coloca um grau de pormenor nos desenhos à escala 1:100, por exemplo, que não é útil a essa escala, por não chegar a ser suficientemente informativo para a obra. E, por vezes, não seria sequer necessário considerar a representação de certos aspectos, que poderiam ser sim descritos verbalmente nas peças escritas do projecto. O trabalho com o computador exigiu pois, também, uma familiarização com todos estes novos critérios na elaboração dos desenhos.

Finalmente, a utilização dos computadores apresenta a grande vantagem de se poder prolongar quase até ao limite do tempo disponível o processo de concepção. Este é, pela natureza do processo de elaboração de um projecto de arquitectura, algo que não se limita apenas a uma fase inicial do mesmo, mas que continuamente responde à progressiva concretização do projecto e a todas as situações que requerem explicitação e que vão surgindo.

Com os computadores, o tempo que é necessário dedicar à elaboração final dos desenhos é reduzido, podendo assim a concepção, a experimentação de diferentes hipóteses e soluções ou as alterações que se achem necessárias, ser realizadas quase até ao fim do processo, com benefício, na maior parte dos casos, para a qualidade do projecto.

A adaptação ao trabalho no atelier decorreu sem grandes sobressaltos, em grande parte devido à disponibilidade dos arquitectos Domingos Avila Gomes e Luiz Cunha e dos seus colaboradores para prestar todo o esclarecimento e acompanhamento na realização do mesmo. Mais uma vez, o facto de toda a equipe trabalhar em muito espaço possibilitou que as dúvidas que me foram surgindo fossem sendo prontamente esclarecidas.

Foi interessante verificar que estas dúvidas passavam mais pela não familiarização com os modos de fazer habituais no atelier, do que por questões de falta de conhecimentos técnicos. Apesar do meu sentimento de que a formação sobre o aspecto técnico-construtivo da arquitectura é uma das vertentes curriculares que mais vezes por levanta dúvida, quanto à nossa preparação para a realidade da profissão, não senti, em relação a não-dificuldades específicas.

Penso da minha experiência, que disponho, sendo de todos os conhecimentos necessários ao desempenho das minhas funções no atelier, pelo



## CONCLUSÃO

Terminado o meu tempo de estágio, a redacção deste relatório implica, necessariamente, um tempo de balanço e reflexão sobre o trabalho até aqui realizado.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma pausa, para mim, relativamente formal. Isto porque a experiência do estágio, tal como ela se desenvolveu no meu caso, não se trata de uma experiência que tenha terminado.

Ao longo deste tempo, realizei uma diversidade de diferentes trabalhos, participei na elaboração de diversos projectos. A minha intervenção regeu-se, no entanto, pelas necessidades do gabinete, sem obedecer a um plano de trabalhos exaustivamente discriminatório das tarefas a executar ou a um tema ou projecto mais específicos.

Foi esta a minha proposta de estágio, a integração no trabalho regular de um atelier de arquitectura, pois era desse trabalho que, após o meu percurso académico, eu sentia verdadeiramente necessidade.

Assim, o trabalho de estágio não foi, obviamente, estruturado por forma a chegar a um fim no momento de redigir este relatório. Quero dizer que o momento presente em que devo realizar este ponto de situação, é relativamente aleatório em relação ao trabalho realizado no atelier. Apenas razões circunstanciais fizeram com que ele fosse, no entanto, um bom momento.

Essas razões prendem-se com o facto de este coincidir com uma fase de conclusão de alguns projectos (em relação à fase em que se encontram) e com o facto de, nestes cinco meses de trabalho, se terem realizado trabalhos no atelier que me permitiram ter uma ideia global das diversas rotinas de um gabinete de arquitectura. Isto é particularmente patente no caso do Hotel Ibis. Poder ter acompanhado e participado neste processo foi extremamente proveitoso pois, para além de outros aspectos, tendo sido o meu último trabalho de estágio, me permitiu estabelecer, pelo confronto com os trabalhos até então realizados, uma melhor avaliação dos mesmos e, conseqüentemente, do próprio estágio.

A adaptação ao trabalho no atelier decorreu sem grandes sobressaltos, em grande parte devido à disponibilidade dos arquitectos Domingos Ávila Gomes e Luiz Cunha e dos seus colaboradores para prestar todo o esclarecimento e acompanhamento na realização do mesmo. Mais uma vez, o facto de toda a equipa trabalhar num único espaço possibilitou que as dúvidas que me foram surgindo fossem sendo prontamente esclarecidas.

Foi interessante verificar que essas dúvidas passavam mais pela não familiarização com os modos de fazer habituais no atelier, do que por questões de falta de conhecimentos técnicos. Apesar do meu sentimento de que a formação sobre o aspecto técnico-construtivo da arquitectura é uma das vertentes curriculares que mais vezes nos levanta dúvidas quanto à nossa preparação para o exercício da profissão, não senti, em relação a isso, dificuldades especiais.

Penso da minha experiência, que disponho, senão de todos os conhecimentos necessários ao desempenho das minhas funções no atelier, pelo



menos, dos meios essenciais para questionar acerca das soluções. Trata-se da base de conhecimento que nos permite estabelecer as categorias desse conhecimento e avaliar do que ainda não sabemos. O que é essencial é, não dispor de todos os conhecimentos necessários à resolução de um problema, conseguir identificar os problemas e questionar acerca deles.

Isto é tanto mais importante conquanto os próprios arquitectos que em mim delegam o trabalho, podem não estar e muitas vezes não estão, como é óbvio, no controle de todas as questões e problemas que surgem na realização de um projecto, nomeadamente nos seus aspectos mais particulares como a pormenorização. Julgo pois ser função essencial na colaboração a prestar, o mais completo domínio dos problemas que se colocam, tendo permanentemente presentes os seus diversos factores e implicações mútuas, na avaliação das possíveis soluções que vão surgindo ao longo do processo.

Essa capacidade de questionar não é, como se poderia pensar, totalmente pacífica. Ao longo do meu estágio verifiquei a necessidade de manter permanentemente um olhar crítico sobre os projectos pois muitas vezes se colocam problemas ou existem acertos a fazer para além dos referidos quando uma tarefa nos é delegada. O desenvolvimento desse olhar crítico afigura-se-me como um dos principais resultados deste estágio e implica o cada vez menos me cingir à tarefa que me é dada a realizar e o cada vez mais ter a percepção da globalidade do trabalho a efectuar, dos problemas a resolver, sendo eu próprio a estabelecer as minhas tarefas, tendo em vista o objectivo último que é a conclusão do projecto.

Ao longo do meu estágio senti pois essa progressiva responsabilização no trabalho por mim efectuado. A partir de certa altura, começou a ser-me exigida essa responsabilidade em relação aos desenhos que me passavam pelas mãos, passou a ser-me exigida essa verificação e eventual acerto gerais e não só o cumprimento da tarefa específica que me havia sido referida. E comecei também a sentir mais a responsabilidade pela saída de um projecto, a ter que ter uma melhor percepção do que falta fazer e de quanto tempo isso demora e a ter de ser capaz gerir o meu trabalho.

Cria-se assim uma situação em que as tarefas a executar e os objectivos propostos são, por vezes, melhor geridos pelos colaboradores do que pelos arquitectos autores dos projectos e o trabalho decorre num equilíbrio que se sente precário, entre essa gestão e os sucessivos acertos, correcções e o contínuo desenvolvimento e explicitação do projecto, necessariamente desejados pelos segundos.

A experiência que tenho, ao fim deste tempo, do trabalho num atelier de arquitectura é extremamente variada, tendo atravessado a participação em vários projectos, como já referi, consoante as necessidades do gabinete, de uma forma que não apontou, à partida para uma conclusão.

Esta parecia ainda mais difícil em relação aos projectos em que o mais trabalho foi mais pontual. Muitas das tarefas que é necessário realizar têm um carácter demasiado pragmático para merecer, à partida qualquer tipo de



comentário. Tratam-se de trabalhos absolutamente necessários na elaboração de um projecto de arquitectura, mas que se encontram distantes de todas as considerações que se possam estabelecer acerca das qualidades arquitectónicas do mesmo, das principais preocupações, motivações e concepções que lhe dão forma.

As conclusões a tirar e as principais conquistas obtidas dizem pois respeito à maneira como o trabalho é por mim encarado. É dessa postura perante o trabalho que tenho vindo a falar. Dessa postura que passa essencialmente pela crescente responsabilização em relação ao trabalho final apresentado pelo gabinete. Lançando um olhar retrospectivo sobre o meu estágio, creio que foram essas as mudanças mais significativas no meu trabalho, mais do que o melhoramento na resposta aos métodos de trabalho do atelier, com o inerente incremento na eficácia. Essa crescente responsabilização tem como efeito mais importante, o progressivamente conseguir fazer dos trabalhos do gabinete os meus trabalhos. Penso que dar este passo é decisivo para o aumento da nossa capacidade de intervenção na elaboração de um projecto.

No projecto da residência de estudantes de Vila do Conde, a minha intervenção disse respeito, como já referi, à elaboração de desenhos de pormenorização que fui realizando conforme me iam sendo indicados e portanto, apesar de estar consciente da globalidade do processo, não a dominava totalmente nem era responsável por ela.

Foi com o trabalho de Santa Cristina do Couto que senti essa responsabilidade. Embora em termos de desenhos se tratasse de fazer apenas as últimas verificações e acertos, foi a primeira vez que tive que lidar com todas as partes de um projecto de arquitectura e mesmo com os projectos das especialidades, sendo responsável pela finalização de todo o processo.

O facto de a minha intervenção ser a última antes de o projecto ser entregue ao cliente, de o trabalho no projecto só acabar quando todas as cópias a entregar estão devidamente embaladas, rotuladas, prontas a entregar ou a remeter pelo correio e de, a partir desse momento, se algo estiver errado, já não ser tão simples corrigir a situação como é simplesmente alterar um desenho no computador, todos estes factores para a responsabilização de que falo.

Finalmente, é importante comentar ainda um último aspecto respeitante à relação entre o estágio que agora termino e a formação académica que lhe foi anterior. Este estágio foi uma oportunidade de contactar com toda uma diversidade de tarefas que é absolutamente necessário realizar num gabinete de arquitectura que não a concepção do projecto.

Estas passam, por exemplo, por toda a componente escrita que integra o projecto que inclui caderno de encargos, caderno de condições técnicas gerais, caderno de condições técnicas especiais, medições, orçamento e memória descritiva, uma quantidade de documentos com a maior parte dos quais eu não havia até agora tido contacto no meu percurso académico.

Trata-se de um conjunto de elementos de projecto absolutamente essenciais que não passam, no entanto, pela concepção nem pelo desenho, que



são os aspectos em que se centra a nossa formação na faculdade. O peso desses componentes da elaboração de um projecto na nossa formação é compreensível e necessário. Para além de nelas se encontrar o que verdadeiramente caracteriza a profissão do arquitecto, são também estes os aspectos dos quais mais dificilmente se faz uma aprendizagem que não pela experiência. Só através da experimentação acompanhada pelo desenvolvimento de um sentido crítico, de sucessivas tentativas, avanços e recuos, é possível desenvolver a capacidade de projectar, um processo que não se rege unicamente por princípios de racionalidade e em que a intuição é o meio de realizar o encontro de todas as realidades diversas e contraditórias que concorrem para a existência da Arquitectura.

Assim, a nossa formação valoriza esta experimentação de projecto e o contacto com outros aspectos da profissão, como os que agora refiro, não está tão presente.

Para além da parte escrita do projecto, um outro desse aspectos é o da gestão do processo no que diz respeito aos seus aspectos mais burocráticos.

Estes passam, por exemplo, pela organização final do projecto (documentação necessária, organização das diversas colecções), pela relação com as câmaras municipais ou pelos modos de relacionamento com cliente quando estes são mais formalizados, como foi o caso do Hotel Ibis, por exemplo.

A relação com os projectistas das especialidades é também outro aspecto que não havia estado presente na minha formação e com o qual pude tomar contacto, assistindo a várias reuniões em que as dúvidas de parte a parte eram esclarecidas, por forma a compatibilizar os projectos das especialidades com o de arquitectura.

Tudo isto resulta em que a concepção do projecto é um entre os muitos trabalhos para a elaboração do mesmo. No entanto, a concepção é a motivação para a realização das restantes tarefas, as quais, muitas vezes não têm em si mesmas nada de particularmente interessante. Ao trabalhar num atelier de arquitectura, em situações em que não existe intervenção nossa na definição da ideia-base do projecto, penso que é muito importante, por um lado, a responsabilidade pelo andamento do processo, a definição das próprias tarefas para o objectivo comum de finalização de um trabalho e, por outro lado, a valorização da intervenção à pequena escala, ao nível do pormenor, que já referi. Isto para que as tarefas que temos que realizar não sejam um peso sem sentido por falta da motivação que é a concepção do projecto.

Posto isto, este estágio cumpriu, quanto a mim, um dos seus principais objectivos que era o de complementar a formação académica anterior, em que o desenvolvimento criativo teve um grande peso (basta ver a carga horária das cadeiras de Projecto ou Arquitectura em relação às restantes) e de permitir uma percepção da globalidade do trabalho do arquitecto, contribuindo desta forma para a inserção nessa realidade profissional.



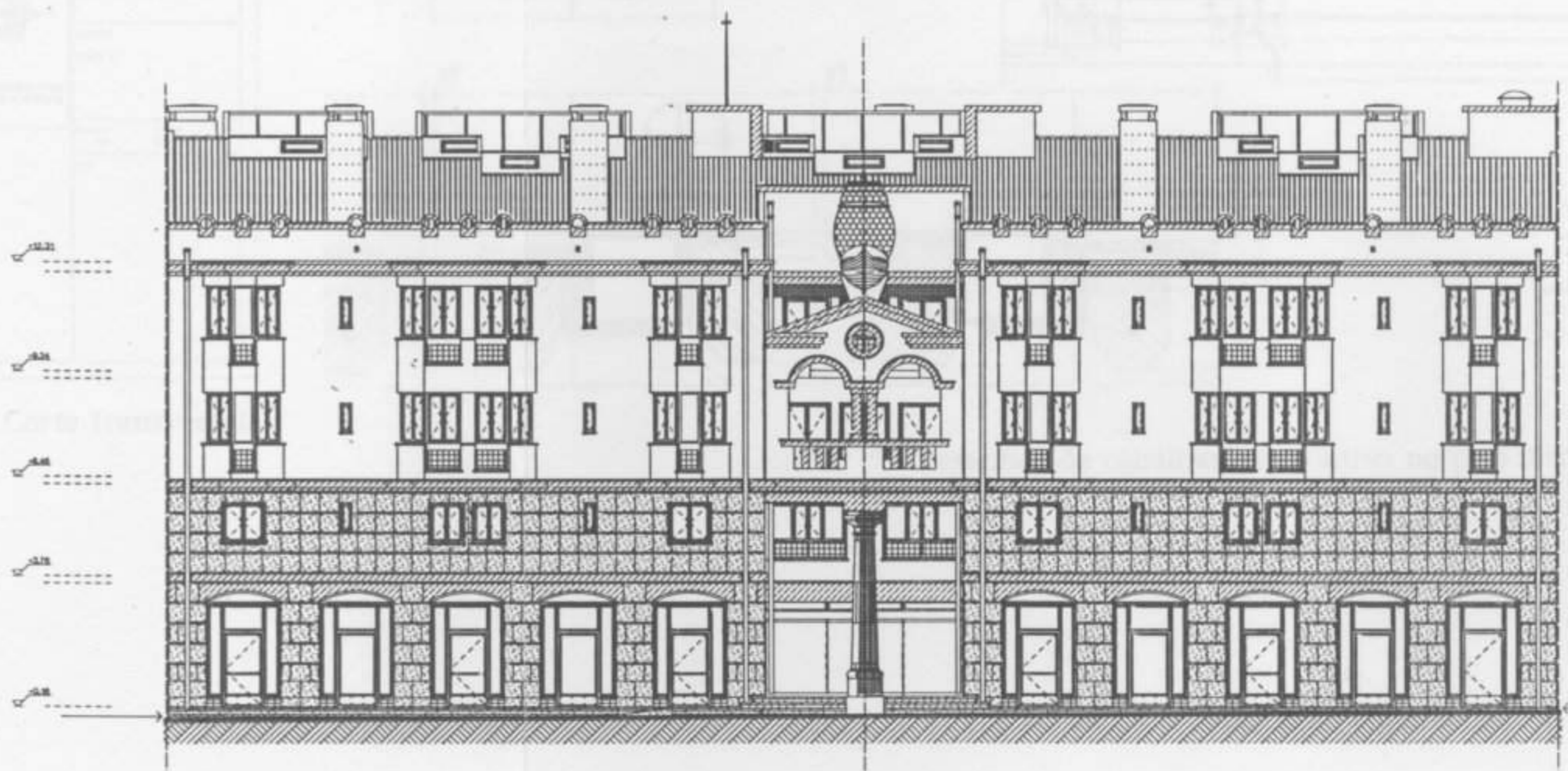
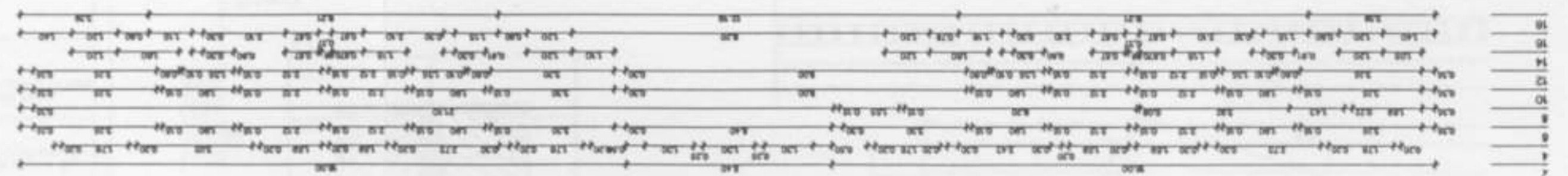
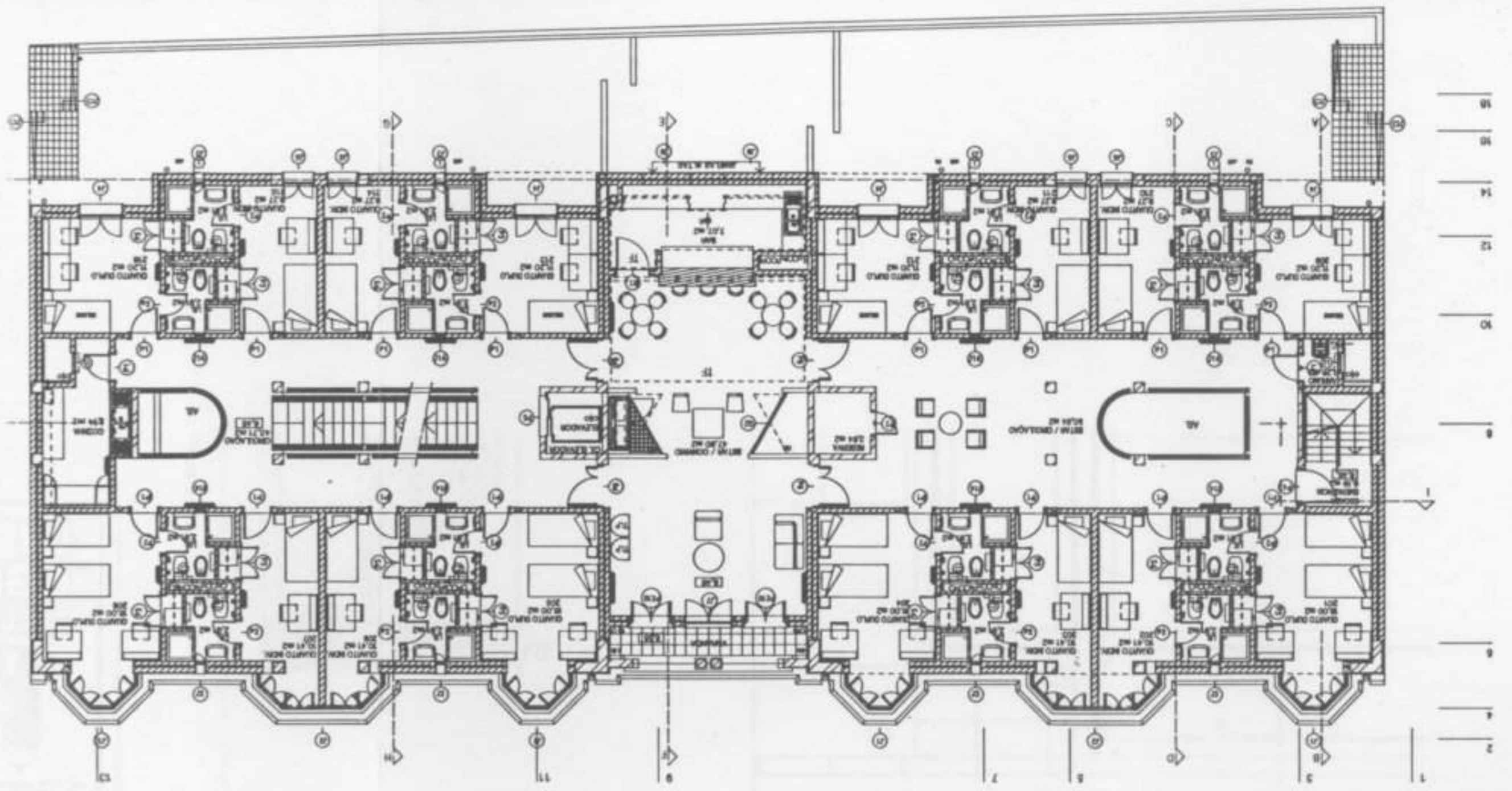
Residência Vila do Conde

**ILUSTRAÇÕES**



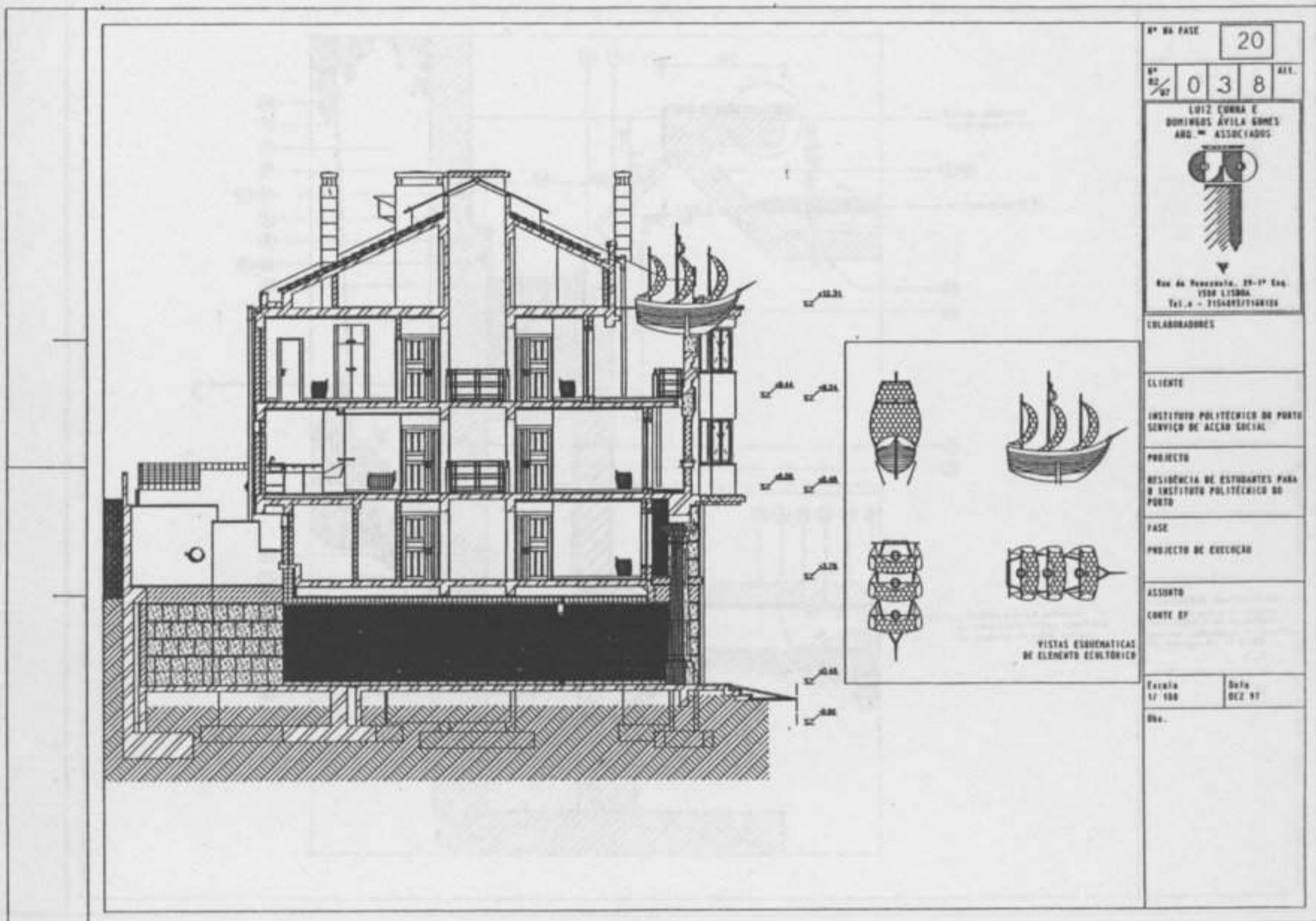
Residência de estudantes de Vila do Conde





Planta do 2º andar e Alçado para a Praça José Régio.

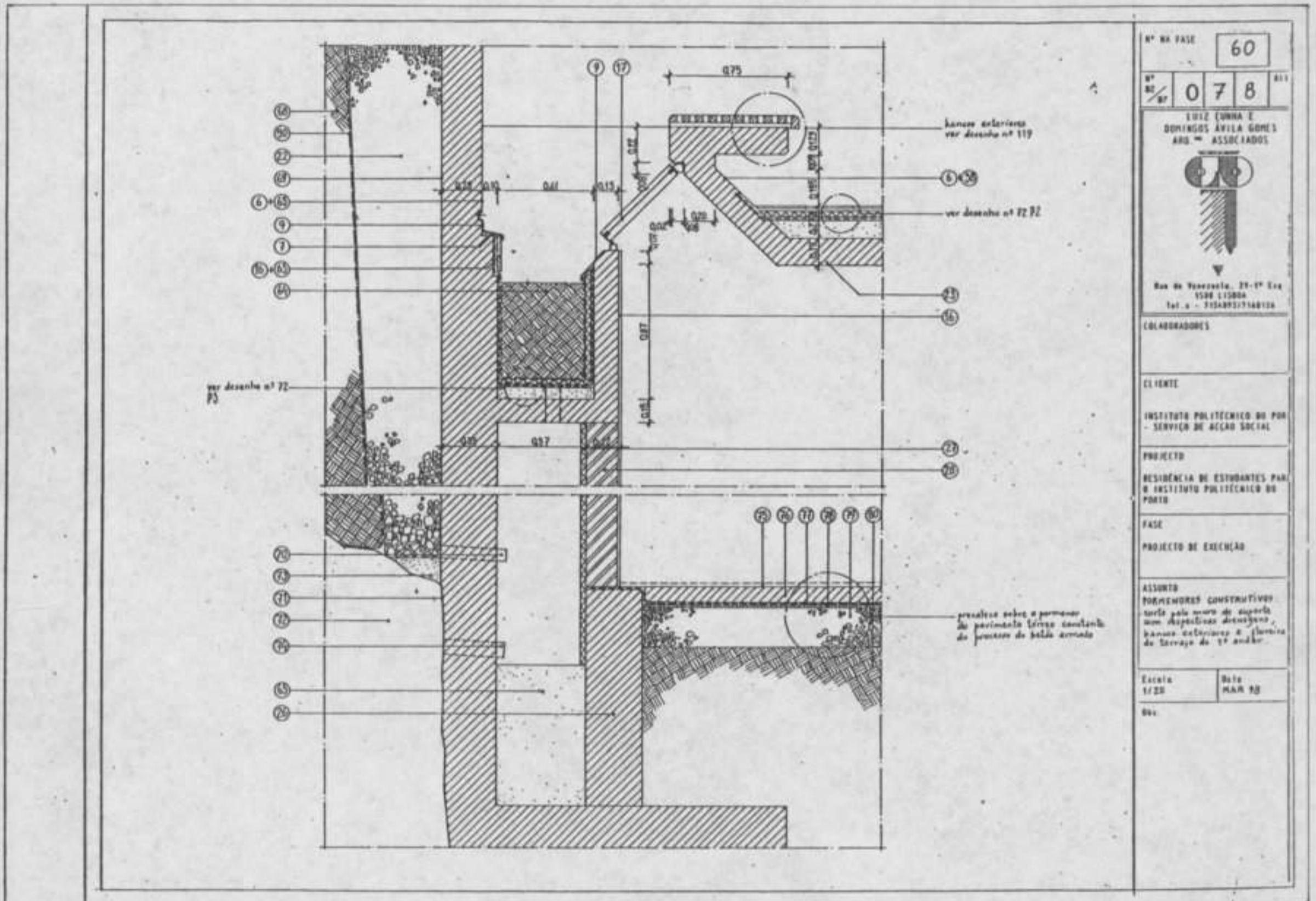




Desenho de planta e secção transversal da casa 1.20 com o barco no telhado.

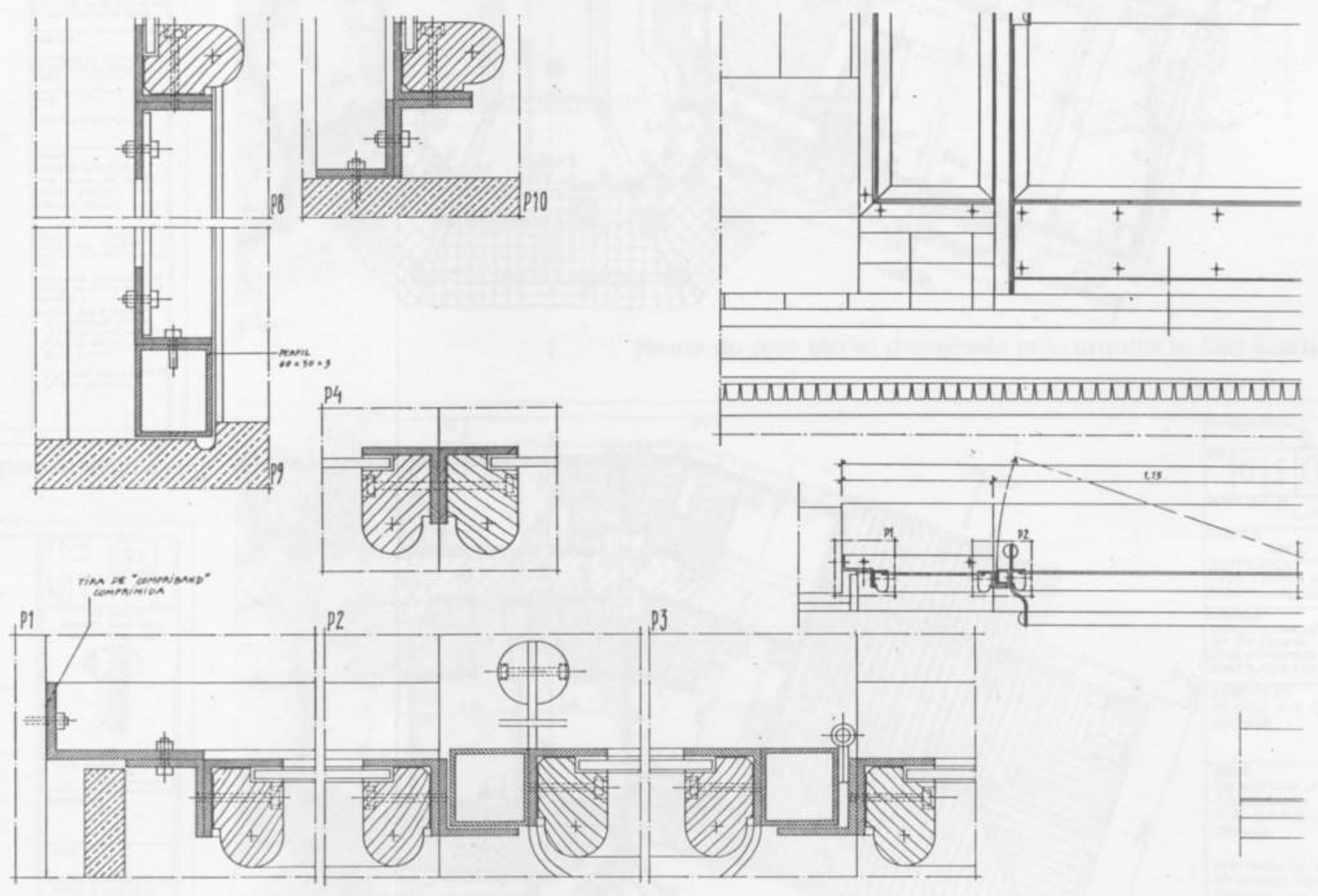
Corte transversal.





Desenho de pormenorização à escala 1.20: confrontação do edifício com o terreno que lhe é posterior.





Desenhos de caixilharias: montras no piso térreo.







VOLUME IV

Centro de Terceira Idade em Santa Cristina do Couto



INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ENFERMAGEM

MEDICÕES

E

MEDICÕES RESUMO

Desenho conceptual da autoria do arquitecto Luiz Cunha na capa do caderno de medicões.



VOLUME IV

CENTRO D  
TERCEIRA  
IDADE  
EM S<sup>TA</sup> CRISTINA  
DO COUTO / S<sup>TO</sup> TIRSO

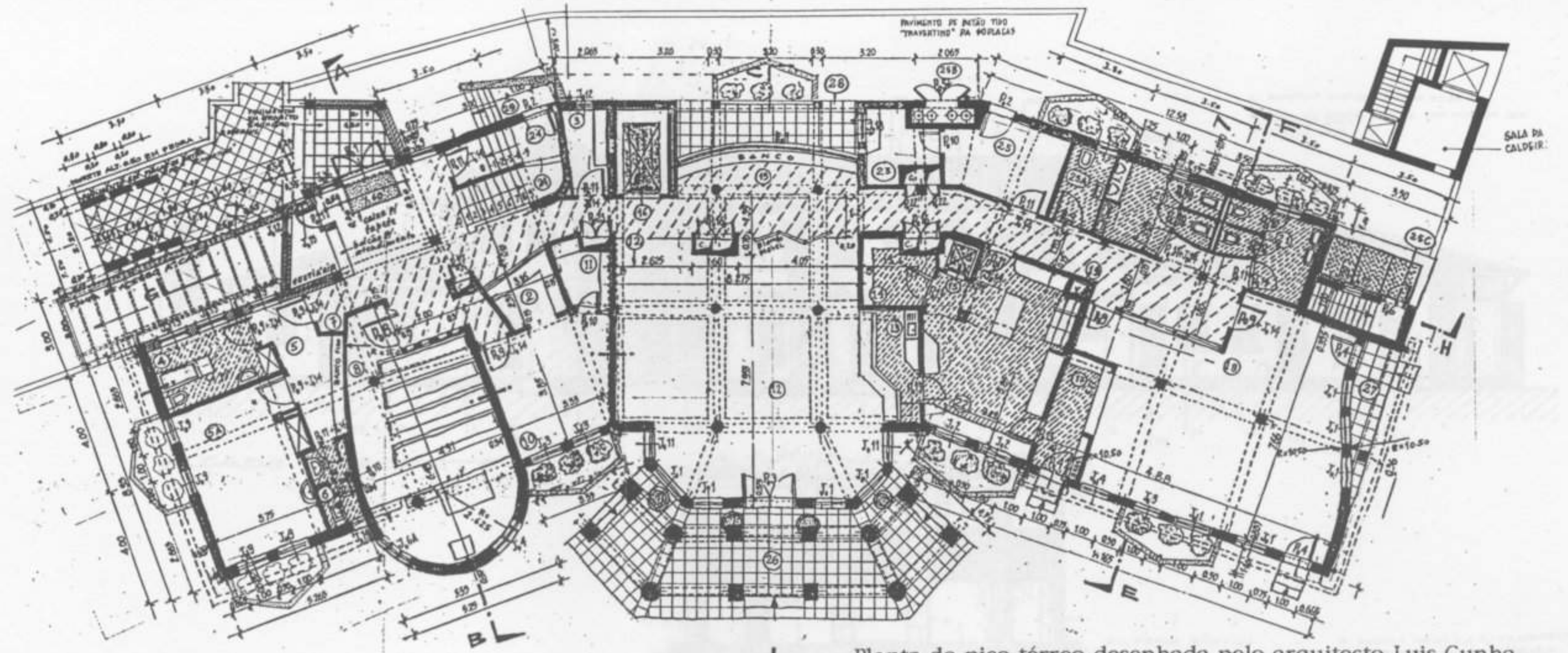


LUÍZ CUNHA • DOMINGOS ÁVILA GOMES  
ARQUITECTOS ASSOCIADOS LDA.  
Rua de Venezia nº29 - 1<sup>o</sup> Esq 1500 Lisboa

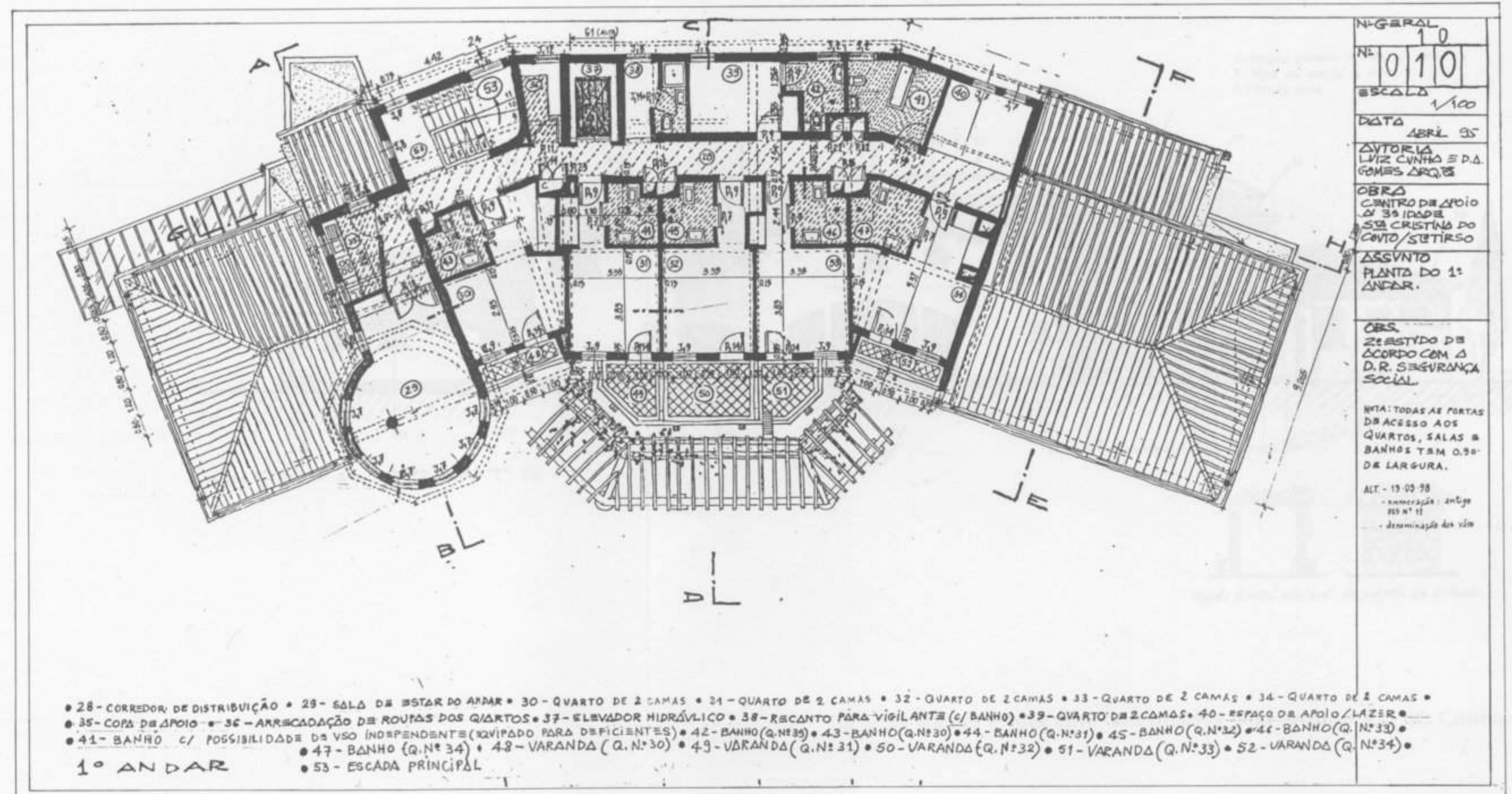
MEDIÇÕES  
E  
MEDIÇÕES RESUMO

Desenho conceptual da autoria do arquitecto Luíz Cunha na capa do caderno de medições.



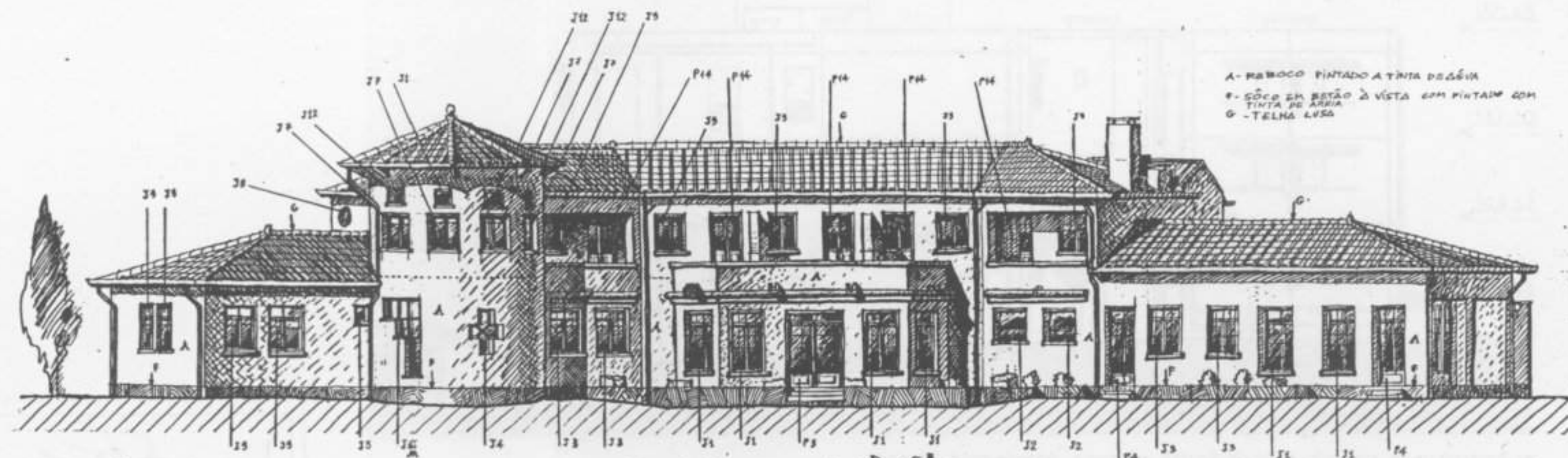


Planta do piso térreo desenhada pelo arquitecto Luis Cunha.



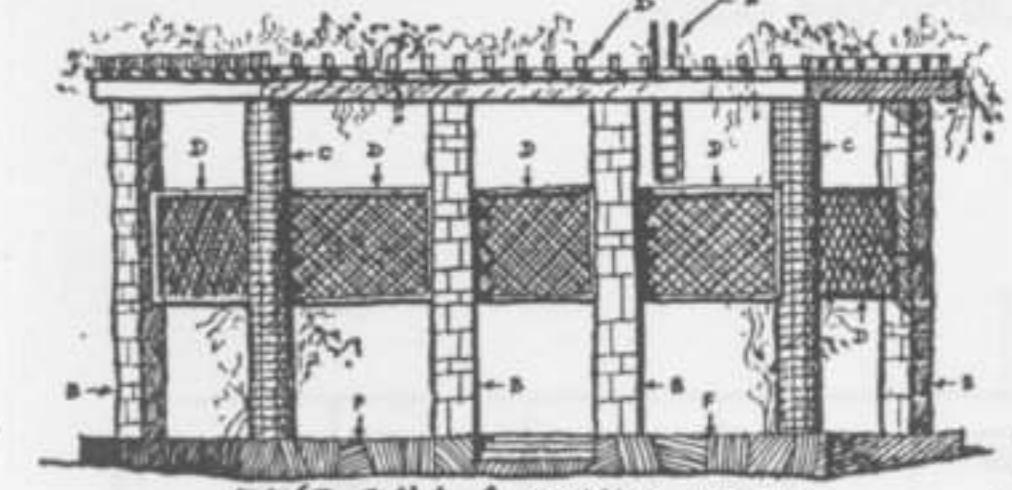
Planta do 1º andar desenhada pelo arquitecto Luis Cunha.





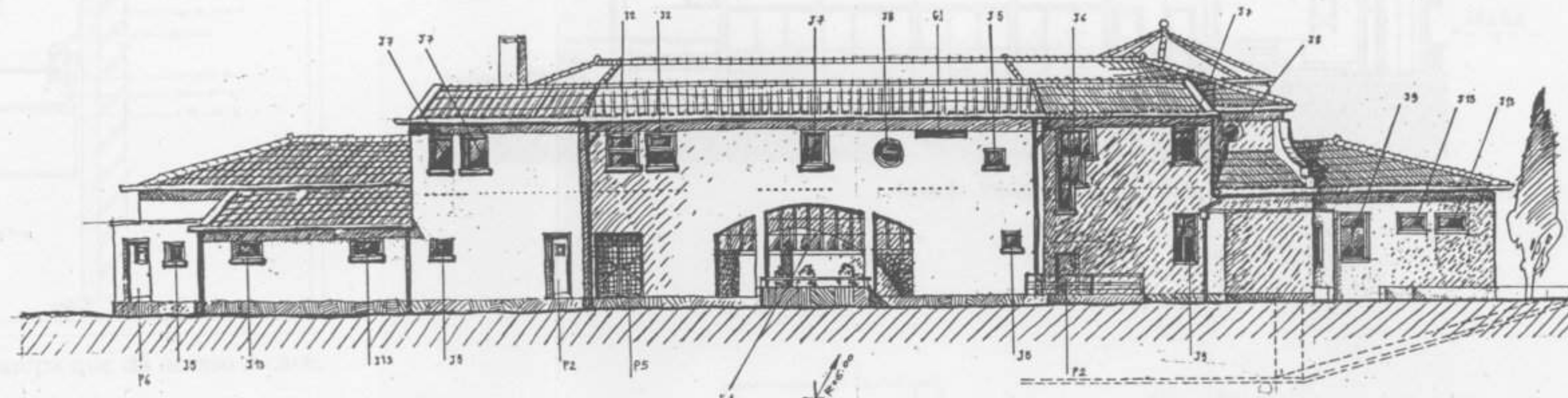
ALÇADO NASCENTE

A - REBOCO PINTADO A TINTA DOSSIM  
 F - SOCO EM BOTAÇÃO A VISTA COM PINTURA COM TINTA DE AZUL  
 G - TELHA LUSA



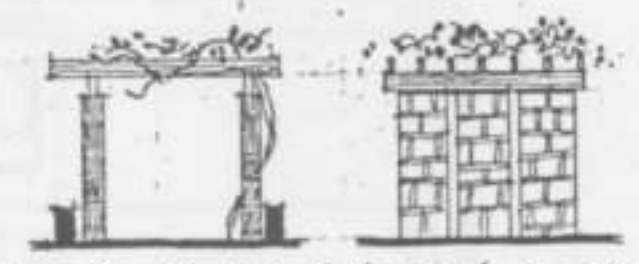
PERGULA DO ALÇADO NASCENTE

B - PEDRA RÚSTICA  
 C - REVESTIMENTO AZULEJO  
 D - MADEIRA PINTADA A TINTA DOSSIM  
 E - ESCADA METÁLICA P/ TRATAMENTO DE FLOREIRA DA PERGULA (COM REBOCO AUTOMÁTICO)



ALÇADO POENTE

A - REBOCO PINTADO A TINTA DE AZUL  
 F - SOCO EM BOTAÇÃO A VISTA  
 G - TELHA LUSA



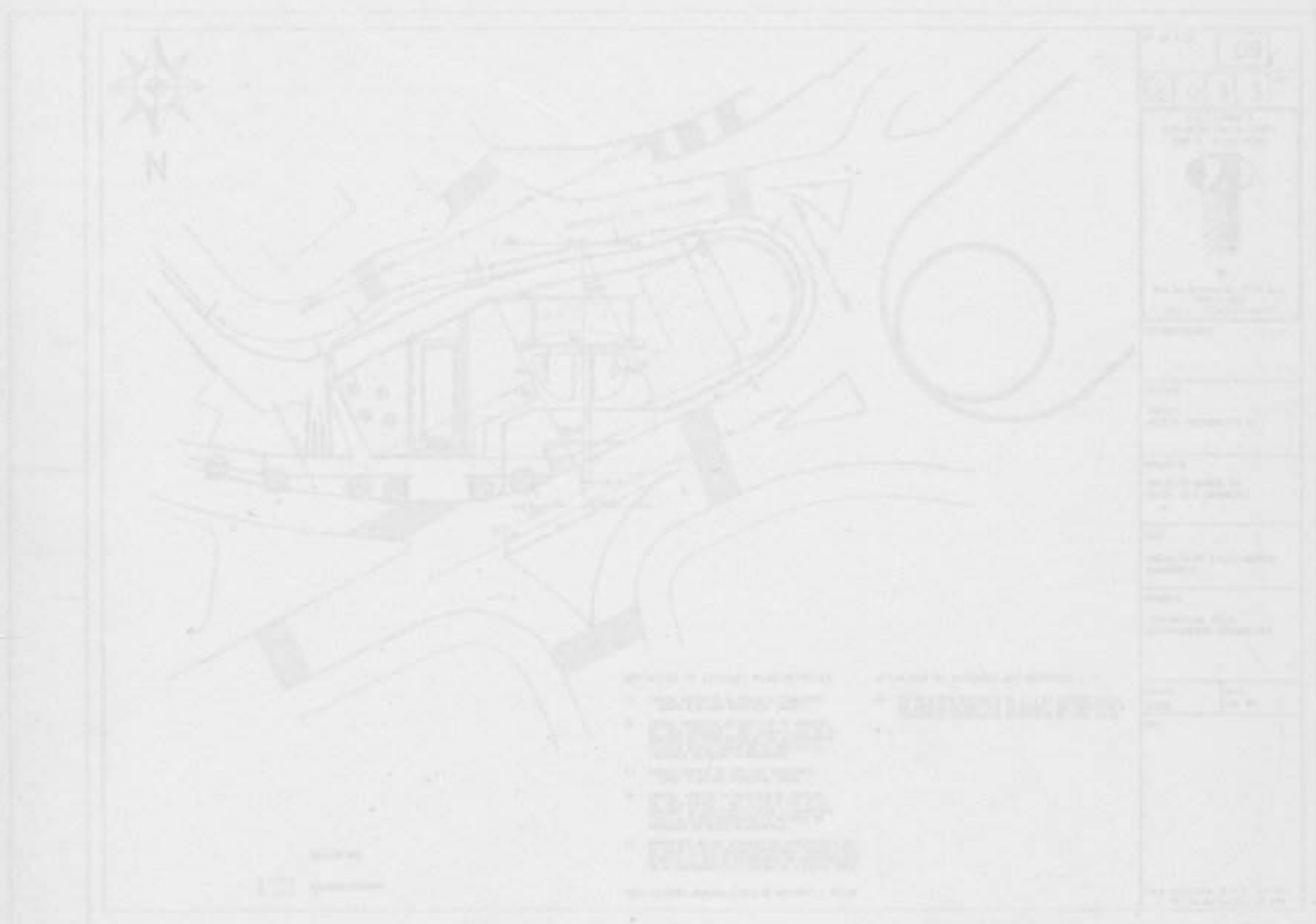
Alçado frontal e lateral da pergula da entrada





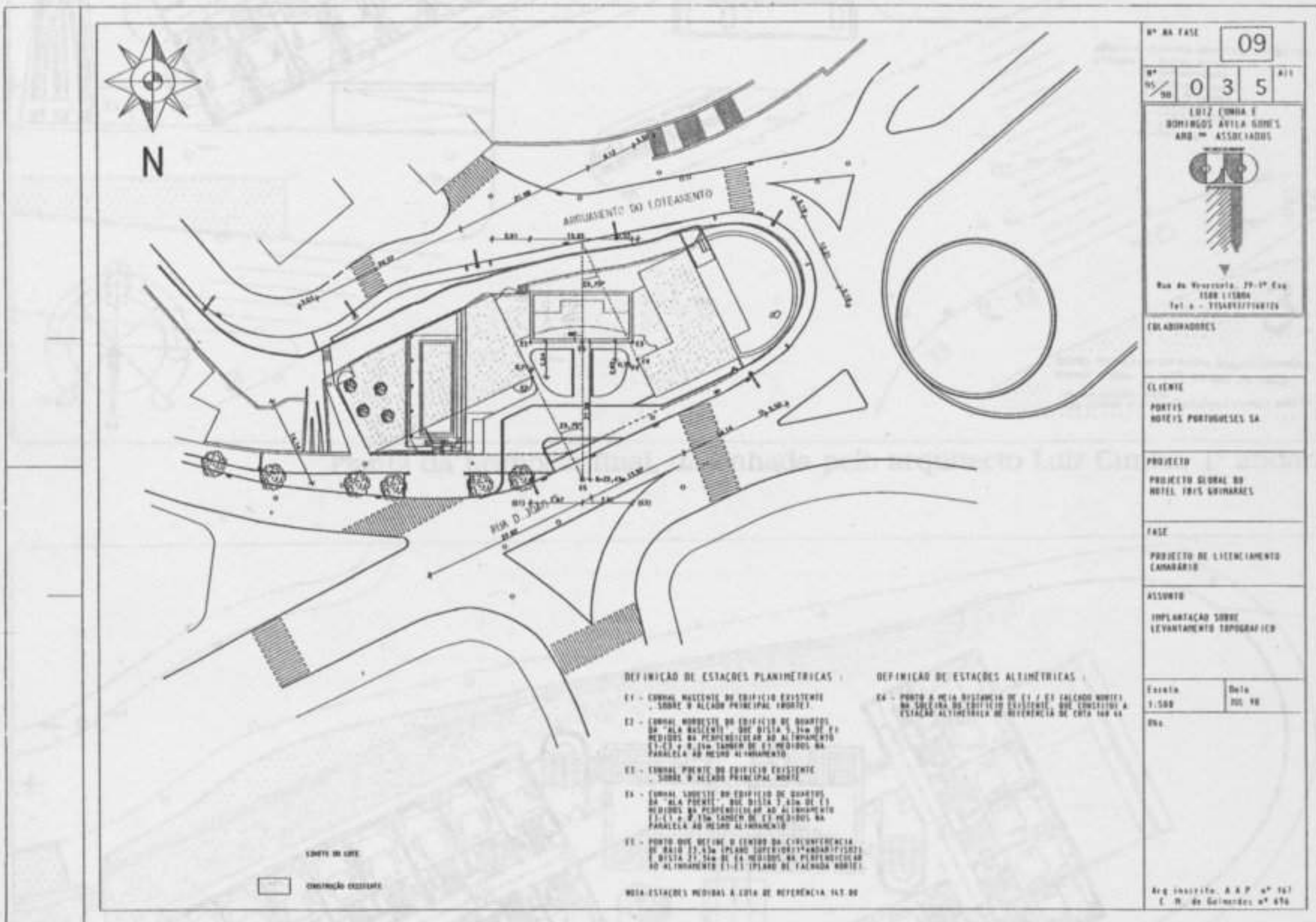


# Hotel Ibis de Guimarães



Planta de implantação sobre o levantamento topográfico do estado actual do terreno, ainda com a representação do lavadouro. À direita, a nova rotunda.

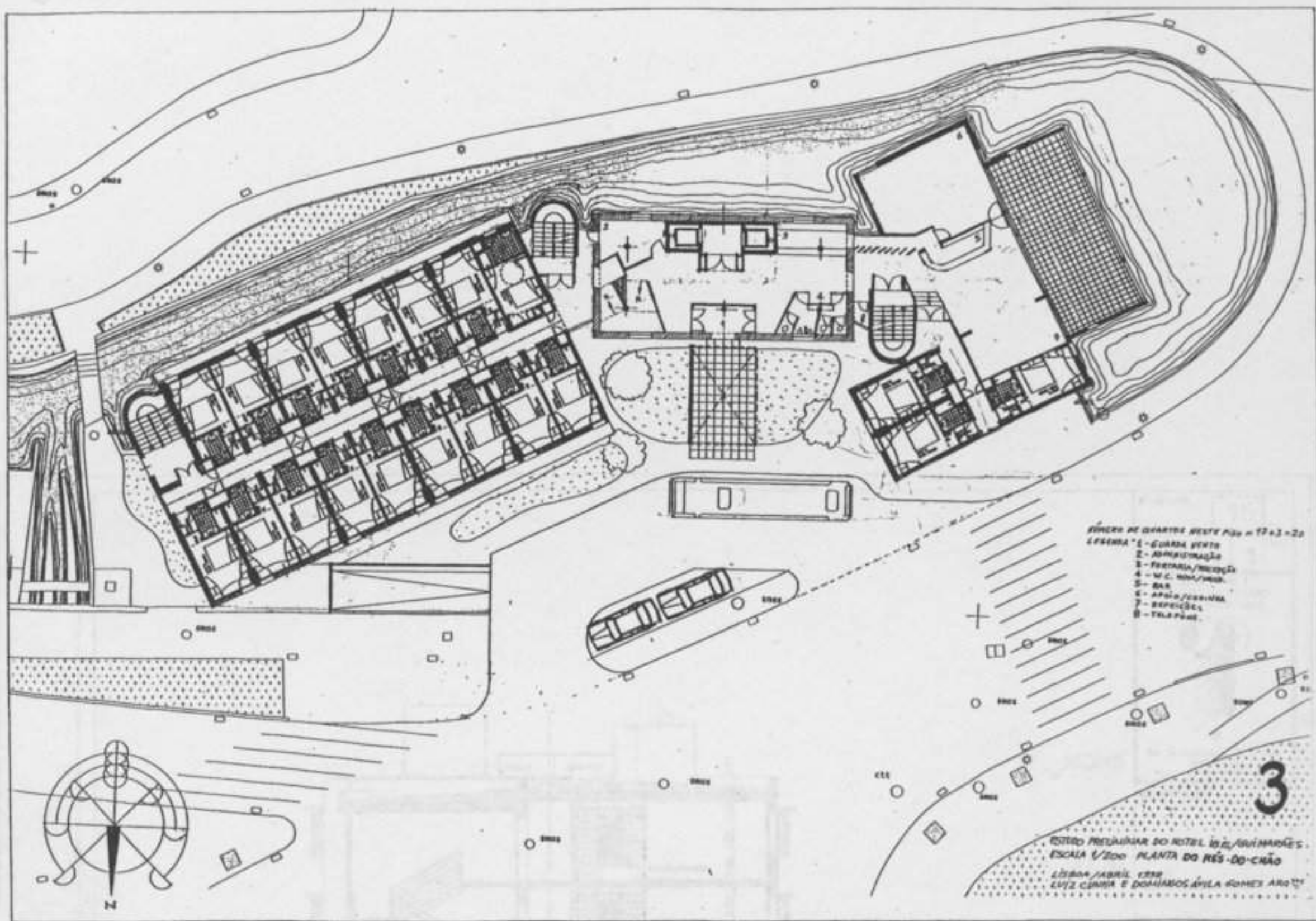




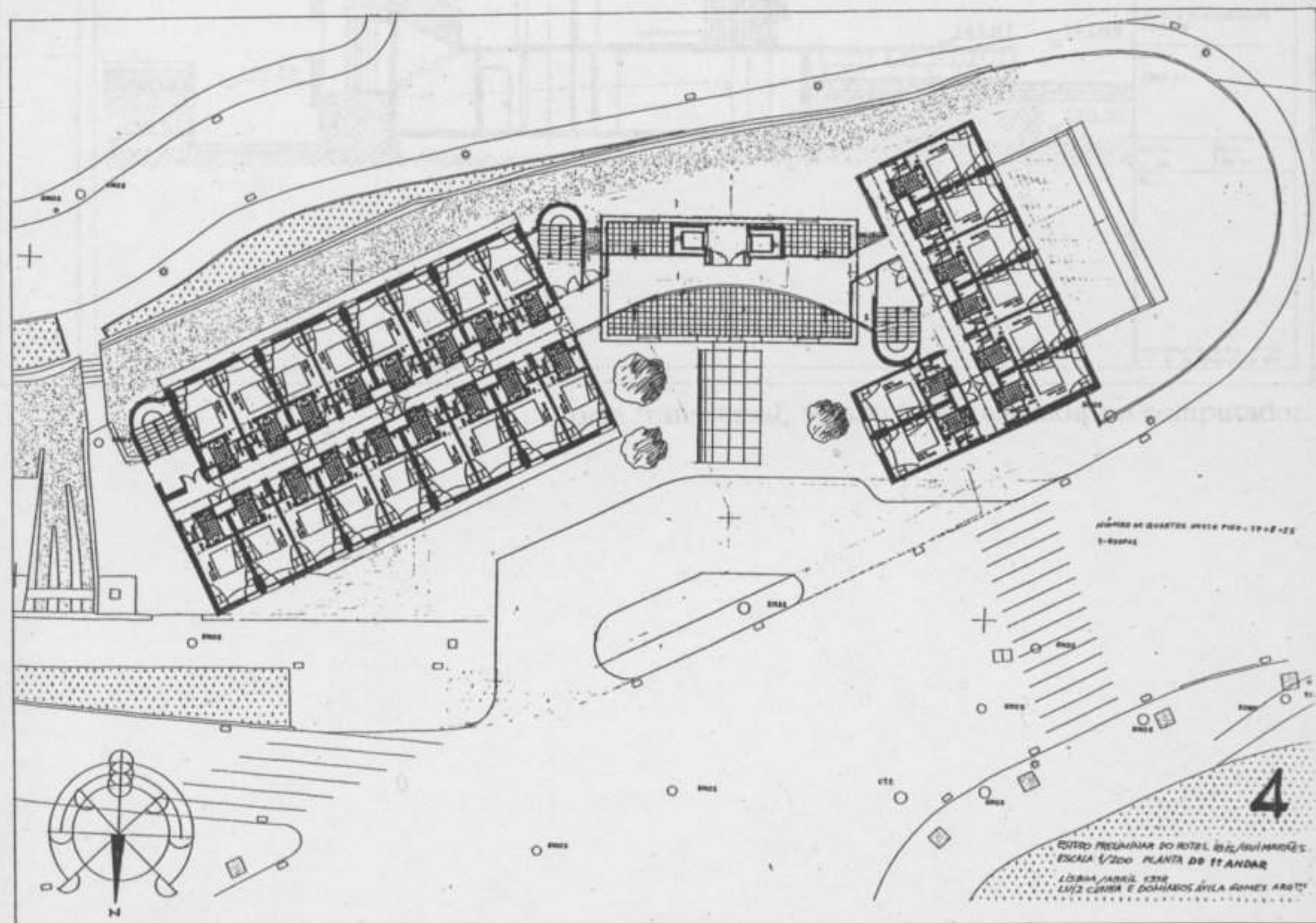
Nº DA FASE		09	
Nº	0	3	5
LUIZ CUNHA E DOMINGOS AVILA SOARES ARQ. ASSOCIADOS			
Rua de Vitoria, 29-1º Esq. 1100 LISBOA Tel. a - 254957768/72			
COLABORADORES			
CLIENTE			
PORTIS HOTEL PORTUGUESES SA			
PROJECTO			
PROJECTO GERAL DO HOTEL PORTUGUESES SA			
FASE			
PROJECTO DE LICENCIAMENTO CAMARARIO			
ASSUNTO			
IMPLEMENTAÇÃO SOBRE LEVANTAMENTO TOPOGRAFICO			
Escala	Data		
1:500	201 98		
Des.			
Arg. inscrita. A & P. nº 167 E. M. de Almeida nº 676			

Planta de implantação sobre o levantamento topográfico do estado actual do terreno, ainda com a representação do lavadouro. À direita, a nova rotunda.



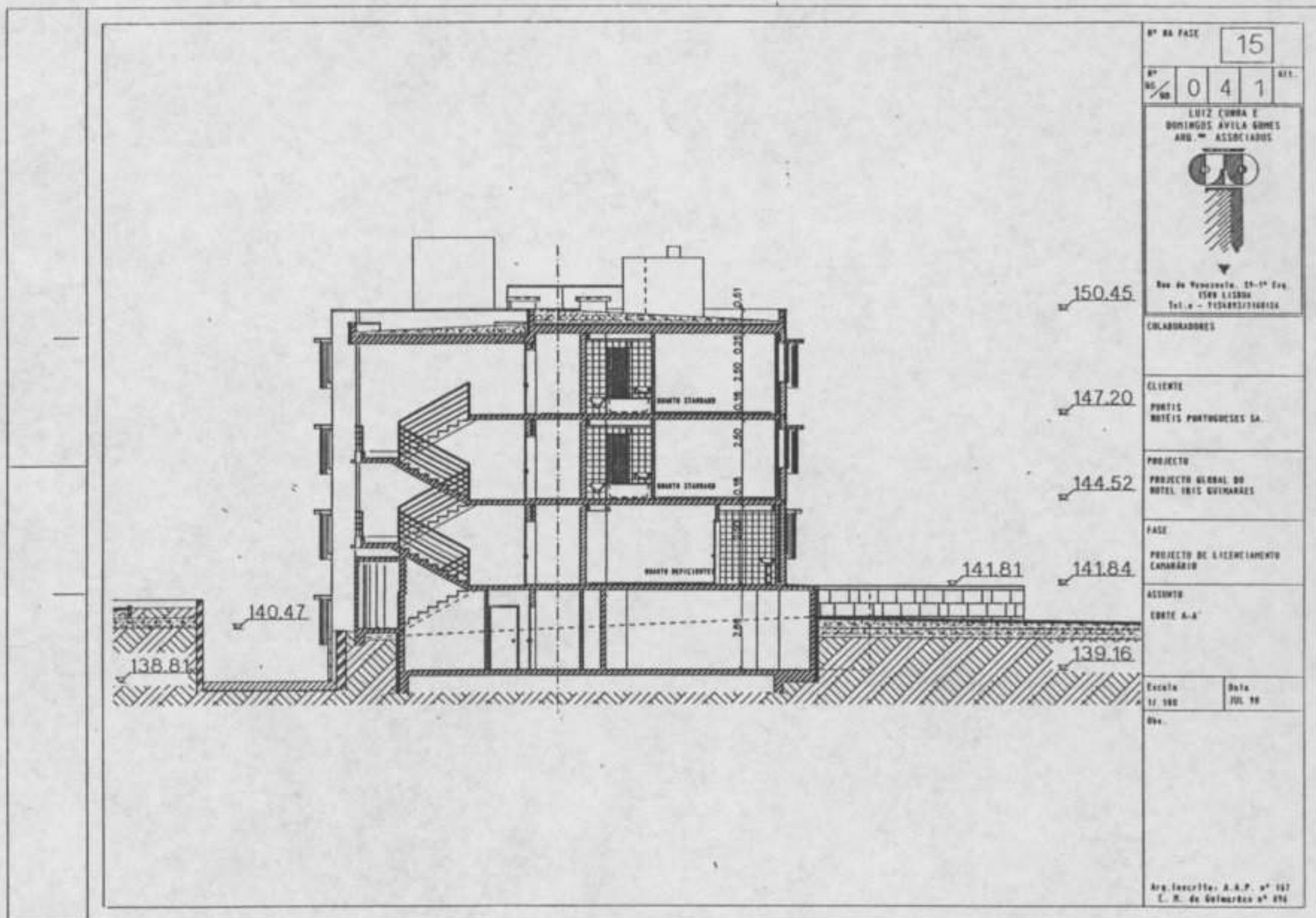


Planta da proposta final, desenhada pelo arquitecto Luiz Cunha. 1º andar.



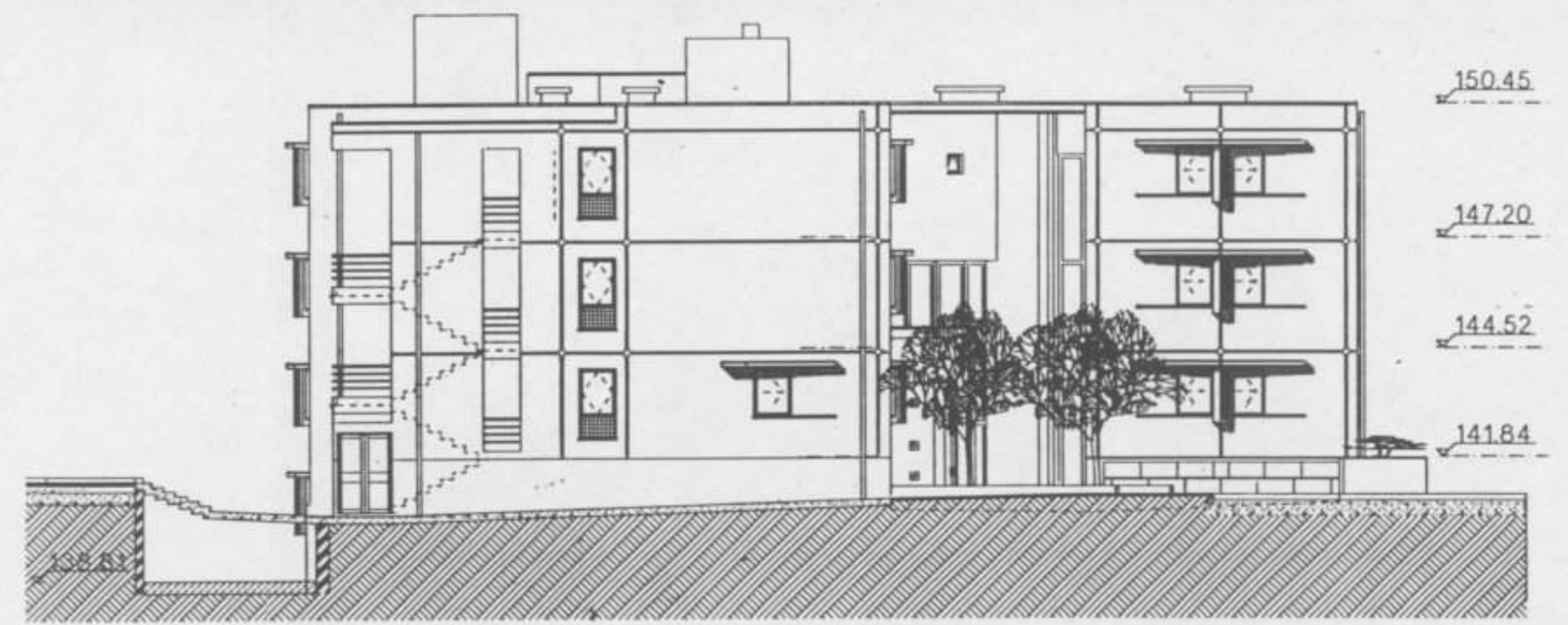
Planta da proposta final, desenhada pelo arquitecto Luiz Cunha. Piso térreo



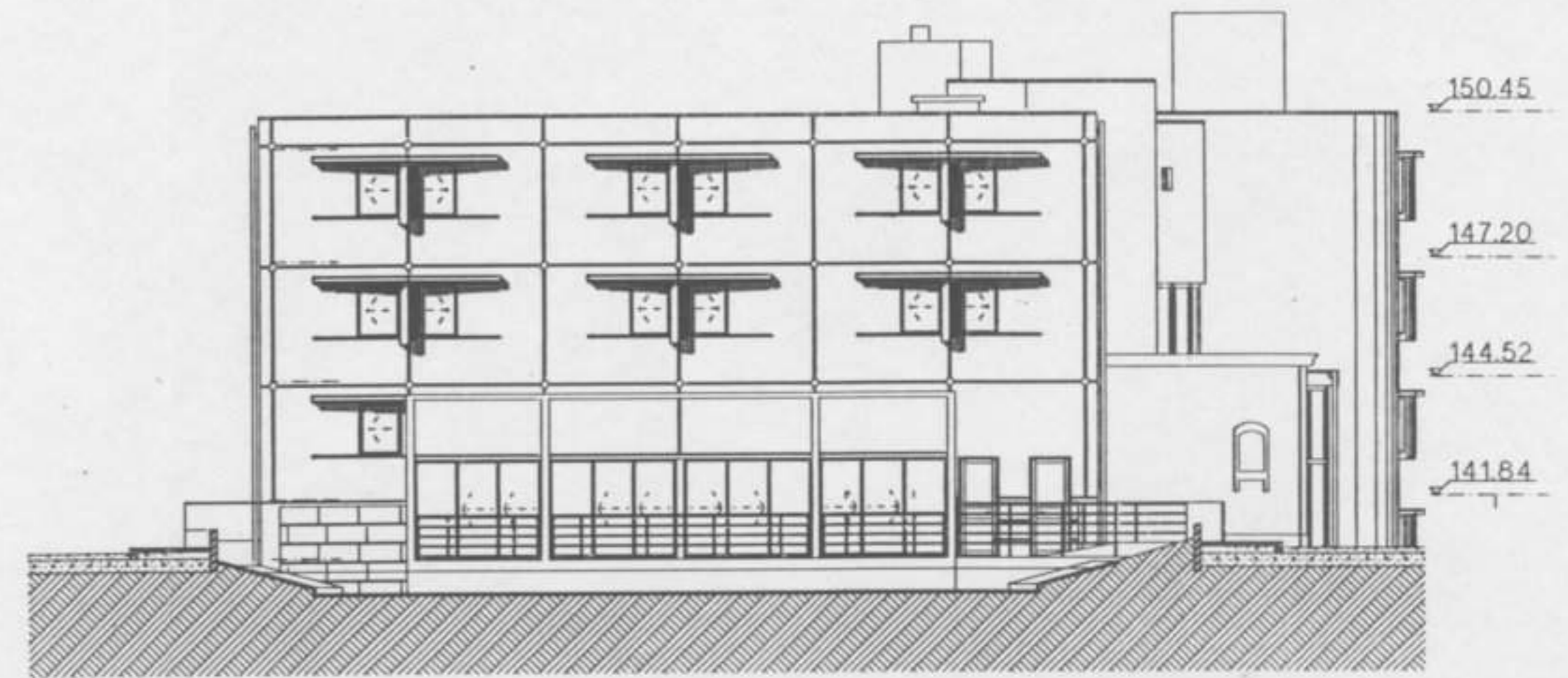


Corte transversal, versão final realizada no computador.





Alçado Nascente, versão final realizada no computador.



Alçado Poente, versão final realizada no computador.



Alçado Norte, versão final realizada no computador.



FACULDADE DE ARQUITECTURA  
05939  
(Centro de Documentação)



